

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Março-Abril de 2009



Batismo de juvenis

Qual é a idade ideal? p. 29



Segundo a ordem do Mestre

O alvo da grande comissão vai além do batismo

Arautos da esperança, p. 14

Na entrevista, "um plano divino", p. 5





Passado, presente e futuro

Como deveríamos tratar nosso passado, presente e futuro? Olhar para nosso passado e as coisas realizadas é uma tentação quase irresistível. O que poderíamos ou deveríamos ter feito? Que aconteceria se tivéssemos feito mais alguma coisa? Alguns focalizam tanto o passado, que ficam imobilizados no presente. Outros ignoram o passado – o seu e o de outros. Lembro-me de um indivíduo que assumiu nova função de liderança e, no primeiro encontro com seus auxiliares, insinuou que as coisas não foram bem feitas, mas, a partir de então, tudo funcionaria corretamente. Esse era ignorante a respeito do passado.

Não importa se cometemos erros terríveis no passado. Felizmente, nem tudo está perdido. No Salmo 51, Davi compreendeu que, somente com a ajuda de Deus, poderia reparar erros antigos e obter nova vida. Ao ser vendido para o distante Egito, diante de um futuro incerto, José possivelmente tenha meditado sobre seus feitos. Acaso, poderia ter feito algo diferente que evitasse aquele desastre? Embora, frequentemente, as consequências de nossas ações passadas permaneçam conosco, pela graça de Deus, podemos avançar.

• Por outro lado, parece ser mais fácil refletir sobre o passado ou antecipar o futuro do que enfrentar as responsabilidades do momento presente. Ao encararmos desafios em nosso trabalho, às vezes, somos tentados a lamentar: “Quem dera eu estivesse em outra igreja, ou em outra função!” Semelhantemente, nossos liderados acham mais fácil dizer: “Se tivéssemos um pastor ou líder diferente...” Porém, a realidade é que nenhum desses anseios prova ser a resposta certa.

Jesus é excelente exemplo de focalização sobre as necessidades do presente. Em João 4, nós O encontramos conversando com uma mulher samaritana. Certamente, Ele poderia ter pensado: “Que dirão as pessoas, ao Me

verem conversando com esta mulher?” De fato, em João 4:27, vemos que os discípulos ficaram surpresos diante desse fato; contudo, Ele compreendeu que aquele momento era oportuno para levar esperança e perdão à mulher. Não deixou que o passado dela nem o que os outros pensariam a respeito dEle O impedissem de fazer o que era necessário ser feito.

“Apesar dos erros do passado, podemos avançar”

Em Marcos 10:13-16, há outra história sobre como Jesus focalizou as oportunidades do presente. Algumas mães levavam os filhos para que Ele os abençoasse. Mas, os discípulos consideraram incô-

moda essa atitude. Para eles, se atendesse as crianças, Jesus desperdiçaria Seu tempo. Porém, Jesus percebeu a necessidade do momento e tomou em Seus braços aqueles pequeninos. Eles necessitavam de Sua bênção e isso lhes foi providenciado.

O que o futuro nos trará? Não sabemos. Podemos ignorá-lo? Não totalmente. Devemos não apenas antecipá-lo, mas sonhar com ele; sonhar com o que desejamos ver acontecer em nossa igreja e nas pessoas com as quais trabalhamos. Geralmente, indivíduos que temem o futuro dão toda espécie de explicação para o fracasso de algum plano, sem dar às pessoas envolvidas a oportunidade de compreender o sonho. Simplesmente colocam obstáculos no caminho de qualquer projeto para o futuro.

A vida de João nos transmite um maravilhoso exemplo, porque ele estava em meio a uma situação depressiva quando escreveu o Apocalipse. Não era o presente que lhe dava esperança, mas a promessa divina quanto ao futuro.

Não raro, tratamos o passado estando preocupados com o futuro e ignorando o presente. Sugiro nova perspectiva: que possamos aprender do passado, sonhar com o futuro e focalizar as oportunidades presentes. A vida dos grandes líderes é caracterizada por esse equilíbrio. ▀

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;

James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger

Zevallos; Feliz Santamaria; Francisco C.

Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B.

Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Góis; Montano

de Barros Netto; Patrício B. Alfaro; Samuel

Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Sítio: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

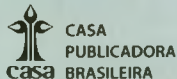
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 45,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,50



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização escrita do autor e da Editora.



Missão, batismo e sucesso

Para crescer no ministério, você só tem que se preocupar com duas coisas: batizar muitas pessoas e promover o crescimento dos “dízimos”, disse um pastor experiente a um jovem que acabara de ingressar nas fileiras ministeriais. Não estou certo de que o moço tenha, ou não, seguido o conselho porque, infelizmente, não permaneceu muito tempo como pastor. Quanto ao conselheiro, o passar do tempo sempre o apresentou cada vez mais angustiado e desiludido até que, aparentemente abatido por tais sentimentos, terminou sua carreira. Não poderia ter sido diferente.

Evidentemente, o mencionado conselho jamais refletiu a nobreza dos ideais da vocação pastoral. Fragilíssimo em seu fundamento e essência, nada mais é que uma armadilha suficientemente perigosa em que muitos têm caído e nela sepultado sonhos, aspirações, e futuro supostamente promissor. Em primeiro lugar, evidencia-se o conceito distorcido de crescimento pessoal nele implícito. Se o crescimento almejado for impulsionado pela dependência de estatísticas e números, pode ser que resulte apenas da avaliação humana incapaz de conhecer os verdadeiros motivos do coração. Nesse caso, o crescimento estará sendo construído sobre terreno movediço.

Em segundo lugar, precisamos focalizar a realização de batismos, a partir de uma correta perspectiva da missão. Participar do processo de ver pessoas trocando, nas águas batismais, o ódio pelo amor é uma experiência singular. Devemos orar e trabalhar para que logo chegue o tempo em que isso aconteça com milhares de pessoas, diariamente, como nos dias apostólicos (At 2:41, 47; 4:4; 5:14). Porém, o batismo não é o ponto final da missão, mas um componente dela. De fato, a ordem de Cristo dada à Sua igreja foi: “Ide... fazei discípulos” (Mt 28:19), seguindo a estratégia de batizar e ensinar. De que maneira vamos fazer discípulos? “Batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”, explica o Mestre (v. 19, 20). Berndt Wolter expõe brilhantemente esse tema, em matéria na página 17.

Depois de tudo, o batismo é mais que um ritual de passagem, mais que um mero cerimonial que marca a adesão de alguém a um sistema de crenças ou denominação religiosa. Escrevendo aos gálatas, Paulo afirmou: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes” (Gl 3:27). Pelo batismo, o crente une-se a Cristo em Sua morte sacrificial e ressurreição (Rm 6:3-6), estabelecendo assim permanente relação com Ele. Portanto, não pode ser tratado levemente como moeda de troca em termos como, por exemplo: “Você batiza muitos e nós o presentearmos” com o que quer que seja. Aliás, disso também trata Wilson Paroschi, em dois artigos, a partir desta edição. ■

Zinaldo A. Santos

10 IMPLICAÇÕES DE UMA SENTENÇA

Profundo mergulho exegético nas declarações de Paulo em 1 Coríntios 5:5.

14 ARAUTOS DA ESPERANÇA

Reflexão sobre o tema que atualmente mobiliza a igreja adventista.

16 PECADO VIRTUAL

Como a Bíblia vê as navegações por águas proibidas na internet.

17 SEGUNDO A ORDEM DO MESTRE

Qual é o verdadeiro alvo da grande comissão?



Foto: Jupiterimages

21 ASSASSINATO OU MORTE MERECEIDA?

Lições da trágica história de Nadabe e Abiú.

24 O FATOR JOSÉ

Veja as características marcantes da liderança pastoral efetiva.

27 NÃO IGNORE ESTE CLAMOR

O dramático depoimento de uma esposa vítima de abuso.

29 BATISMO JUVENIL: A IDADE IDEAL

Primeiro de uma série de dois artigos sobre o batismo de crianças.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Quando rendemos tudo diante de Deus, assumimos um poder que supera todas as fórmulas de sucesso. Rendição proporciona poder. Quando lutamos pelo poder, o perdemos; quando nos rendemos, então o descobrimos.”

John C. Maxwell



Foto: Divulgação DSA

Um plano divino

“A igreja, em todos os níveis, deve priorizar a implantação e consolidação dos pequenos grupos”

por Zinaldo A. Santos

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 72) Essa declaração de Ellen White é fundamental para a implantação de pequenos grupos na igreja adventista da América do Sul. Apesar disso, desde que foi estabelecido nesse continente, o sistema tem sido alvo de estudos, reavaliações e diálogo. Porém, um fórum realizado em Brasília, em novembro do ano passado, serviu para redefinir e aprofundar a caminhada rumo à consolidação dos pequenos grupos.

Nesta entrevista, o pastor Jolivê Chaves, diretor de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana, fala sobre os princípios que alicerçam a formação e o funcionamento dos pequenos grupos. Casado com a psicóloga Érica Chaves, com quem partilha a felicidade de ter dois filhos, ele está na DSA há pouco mais de dois anos, depois de trabalhar como pastor distrital e

diretor de Ministério Pessoal no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e na União Sul-Brasileira.

Ministério: Qual é a diferença entre igreja com pequenos grupos e igreja em pequenos grupos?

Jolivê: Na igreja com pequenos grupos, eles são apenas um programa entre muitos outros. Uma igreja em pequenos grupos é aquela em que eles são a estrutura básica para cumprir as tarefas de pastoreio, cuidado espiritual dos membros, desenvolvimento da vida em comunidade, ação missionária, entre outras. Na igreja em pequenos grupos, a maioria dos membros assimilou o pequeno grupo como estilo de vida.

Ministério: Qual deve ser a relação entre os pequenos grupos e os departamentos da igreja? Quem deve servir a quem?

Jolivê: Os pequenos grupos devem ser a base para mover a igreja e isso inclui os departamentos. Eles

não anulam os departamentos, mas os ajudam a funcionar devidamente. Por isso, os departamentos da igreja e seus programas devem ser facilitadores no desenvolvimento dos pequenos grupos, em vez de ser empecilhos ou concorrentes. Cada departamento deve ajudar os membros que estão sob sua responsabilidade a se envolverem nos pequenos grupos. E estes ajudarão os departamentos a alcançar seus objetivos para cada membro, no sentido de edificação espiritual, pastoreio e envolvimento missionário. O pequeno grupo é o caminho mais fácil para que os departamentos sejam efetivos na formação de discípulos.

Ministério: De que maneira uma igreja com pequenos grupos pode ser transformada numa igreja em pequenos grupos?

Jolivê: Em seu livro *Como Reavivar a Igreja do Século 21*, Russel Burdill diz que, antes que o ministério de pequenos grupos seja iniciado, primeiramente, a igreja precisa re-

descobrir a paixão pelos perdidos e sentir a necessidade de alcançá-los. Além disso, também necessita entender que todos os crentes são ministros; e que o pastor é o orientador e capacitador deles para o exercício do ministério. Durante o fórum de pequenos grupos, foi decidido que, nessa transição, devem ser dados os seguintes passos: 1) Que a igreja em todos os níveis priorize a implantação e consolidação dos pequenos grupos; 2) que o processo de mudança seja gradual e progressivo; 3) que, no plano de implementação e consolidação, os pastores trabalhem através de pequenos grupos modelos; 4) que a igreja mantenha a visão permanente de uma igreja em pequenos grupos, através da realização de fóruns, festivais, retiros espirituais, fornecimento de material, treinamento e testemunhos, e 5) que haja um esforço intencional e constante na busca pela multiplicação dos pequenos grupos.

Ministério: Qual é a estrutura de um pequeno grupo e quais são as funções de cada elemento?

Jolivê: O pastor é o líder distrital dos pequenos grupos e a peça-chave do processo. Ao pastor cabe preparar a liderança e a igreja para a transição, dirigir um pequeno grupo modelo, ministrar treinamento, providenciar e fornecer materiais. Cada igreja também deve ter um coordenador de pequenos grupos, que será o aliado mais forte do pastor na implantação e manutenção do sistema. Em uma igreja com vários pequenos grupos, é aconselhável que haja um supervisor para cada três a cinco deles. Esse supervisor apoiará e orientará os líderes dos grupos, através de visitas periódicas e de reuniões para avaliação. Finalmente, cada pequeno grupo deve ter seu líder, que é o responsável por fazer as coisas acontecerem durante as reuniões e fora delas. Sem um bom plano de capacitação semanal ou quinzenal dos líderes, o projeto fracassará. Também não podemos

esquecer o anfitrião, a pessoa que cede a casa para o funcionamento do grupo. Essa pessoa deve ser amável, espiritual e hospitaleira.

“O pequeno grupo não deve ser apenas um encontro social nem exclusivamente evangelístico”

Ministério: Que qualidades devem ter o líder e o coordenador de pequenos grupos?

Jolivê: Principalmente, devem ser pessoas caracterizadas por sólida experiência com Deus; homens e mulheres espirituais. Mas também precisamos considerar a disposição de servir, amor pela missão de salvar pecadores e a correta visão sobre os pequenos grupos. No caso do coordenador, é necessário que a pessoa tenha experiência anterior como líder. A melhor maneira de o pastor formar líderes de pequenos grupos é através do pequeno grupo modelo ou protótipo que ele mesmo deve liderar.

Ministério: Qual é a dinâmica sugerida para o funcionamento de um pequeno grupo?

Jolivê: No livro *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 195, Ellen G. White escreveu: “Que os pequenos grupos se reúnam à noite, ao meio-dia ou pela manhã. Que tenham períodos de oração para que sejam fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo... Quantos testemunhos serão compartilhados nesses períodos especiais quando estiverem buscando a bênção de Deus! Que cada um conte sua experiência com palavras simples.” Com base nessas palavras, temos sugerido a seguinte dinâmica: 1) Confraternização, que envolve recepção calorosa, diálogo amistoso e informal. 2) Adoração, em

que estão incluídos louvor, oração e testemunhos. 3) Estudo relacional e aplicativo da Bíblia, e 4) evangelismo, que inclui oração intercessora e execução do planejamento missionário do grupo. O programa não passa de uma hora e meia.

Ministério: Os aspectos missionário e relacional de um pequeno grupo são indiscutíveis. O senhor consegue ver algum prejuízo em se destacar unilateralmente um deles?

Jolivê: Em primeiro lugar, precisamos entender o que a igreja considera ser um pequeno grupo relacional. Ele não deve ser confundido com uma reunião social de pouco ou nenhum conteúdo bíblico. Trata-se de um grupo de pessoas que se reúnem para estudar a Bíblia, a fim de crescer em seu relacionamento com Deus, umas com as outras e com pessoas que ainda não fazem parte da igreja. A Bíblia está no centro de tudo e é usada para atender as necessidades pessoais, através do estudo aplicativo. Por outro lado, é bom entendermos que, se o pequeno grupo for apenas uma reunião para evangelismo, ele passará a ser apenas uma classe bíblica sem cumprir seu objetivo relacional. A classe bíblica é essencial, mas não deve tomar o lugar do pequeno grupo. Ambos desempenham papel fundamental e harmônico no programa da igreja. Portanto, o pequeno grupo não deve ser apenas um encontro social nem exclusivamente evangelístico. Devemos manter o equilíbrio na ênfase dos dois aspectos, no contexto do discipulado cristão. O estudo da Bíblia deve ser direcionado ao atendimento das necessidades pessoais, de modo relevante e pertinente. Então, os participantes devem ser inseridos em uma classe bíblica para receber estudos doutrinários como instrução pré-batistal.

Ministério: *E quanto ao evangelismo público: Como os dois sistemas podem se tornar mutuamente colaboradores?*

Jolivê: Uma coisa deve ficar bem clara: evangelismo público e pequenos grupos não são atividades mutuamente excludentes, mas complementares. Um sistema serve ao outro. Sem essa combinação, o prejuízo será certo para ambos. A igreja deve inserir em seu planejamento essas atividades conjuntas. Os pequenos grupos devem servir de apoio e complemento ao evangelismo público. Como apoio, eles podem encaminhar interessados às reuniões evangelísticas e dar assistência a eles. Como complemento, devem empregar sua estrutura em favor da conservação dos novos crentes. Propomos ainda que os pastores façam evangelismo de colheita, tendo o pequeno grupo como base para a sementeira.

Ministério: *Que estratégias podem ser desenvolvidas dentro do pequeno grupo, a fim de que cada membro possa encaminhar pessoas a Cristo?*

Jolivê: De fato, o pequeno grupo é o lugar ideal para o desenvolvimento espiritual de cada crente e para envolvê-lo na missão, de acordo com os respectivos dons espirituais. Para isso, o líder do grupo, orientado pelo pastor e pelo supervisor, precisa ter um bom plano missionário. Esse plano deve ser suficientemente amplo, com várias opções de atividades internas e externas, a fim de que os vários dons sejam envolvidos. Na Divisão Sul-Americana, já está em prática o Ciclo de Discipulado, um projeto para a formação de discípulos que ajuda os novos membros a descobrir seus dons e ser envolvidos em algum ministério.

Ministério: *Com certa frequência, ouvimos que é preciso "criar uma identidade adventista" para os pequenos grupos. O que está faltando em termos dessa identidade?*

Jolivê: A igreja adventista do sétimo dia tem suas peculiaridades nos aspectos de estrutura, doutrinas e papel profético. Em relação aos pequenos grupos, temos orientação clara e suficiente. O que estamos tentando fazer é criar um modelo que seja compatível com nossa realidade, como igreja, e que esteja exatamente dentro da orientação que Deus nos deu a respeito desse assunto. Na literatura evangélica, há princípios e métodos gerais, comuns, que nos são úteis. Mas, não podemos simplesmente copiá-los sem considerar nossa realidade adventista.

Ministério: *Desde sua implantação até agora, como o senhor avalia o sistema de pequenos grupos na Divisão Sul-Americana?*

Jolivê: Já percorremos um longo caminho, com erros e acertos, e uma coisa está bem clara e definida: Continuaremos aprofundando a caminhada dos pequenos grupos, pois acreditamos que eles são essenciais para a igreja. Hoje, temos aproximadamente 63 mil pequenos grupos, e as Uniões estão trabalhando para que, neste ano, tenhamos 93 mil. Não temos dúvidas a respeito da legitimidade deste programa; estamos convictos da orientação de Deus. Temos nos reunido e tomado decisões comprometedoras, planejando um trabalho bem consistente, melhorando a cada dia no que tange a materiais de estudo. Queremos uma igreja que cresça integralmente e que seja eficiente na formação de discípulos. Queremos crescer muito mais do que temos crescido, tanto no sentido quantitativo como no qualitativo. Queremos plantar mais congregações, um povo mais comprometido, uma igreja mais espiritual e cada vez menos apostasia. Queremos o batismo diário do Espírito Santo, o derramamento da chuva serôdia para concluirmos nossa missão de pregar o evangelho. Tudo isso aponta para os pequenos grupos

como base do esforço cristão. Temos observado que onde os pequenos grupos são fortes, a igreja está mais bem estruturada e crescendo mais consistentemente.

Ministério: *Quais são as grandes metas da Divisão Sul-Americana, envolvendo os pequenos grupos em 2009?*

Jolivê: Além da implantação de 93 mil pequenos grupos, como já mencionei, estamos trabalhando para abrir 600 mil lares adventistas, no dia 30 de maio, para receber familiares, amigos e conhecidos. Esse é o projeto "Lares de Esperança". cremos que muitos desses lares promoverão um pequeno grupo. Milhares de convidados serão encaminhados aos pequenos grupos, receberão estudos pelas duplas missionárias ou em classes bíblicas. Nossa meta é batizar 100 mil pessoas no fim do ano, por ocasião da semana da colheita que será realizada, via satélite, pelo pastor Mark Finley. Para o Brasil, a programação será realizada a partir de Brasília, durante os dias 14-31 de outubro. Nos dias 1-7 de novembro, ele pregará para os outros países da DSA, a partir de Cochabamba, Bolívia.

Ministério: *O que o senhor espera dos pastores e anciãos?*

Jolivê: Espero que todos nos unamos para fortalecer a implantação e consolidação dos pequenos grupos em nosso território. Creio que o pequeno grupo tem papel decisivo na escatologia, pois virá o tempo em que não mais poderemos nos reunir em templos, mas estaremos espalhados nos lugares mais distantes da Terra esperando a vinda do Senhor. Que possamos viver, desde agora, a experiência comunitária proporcionada pelos pequenos grupos e, finalmente, cresçamos em nosso relacionamento com Deus e sejamos usados por Ele na execução de Seu plano para o ser humano. ■



Vida de "pastora"

Ao se casar com o pastor, a esposa assume uma vocação que representa um aprendizado vitalício

As vezes, penso que deveria haver um curso sobre como ser esposa de pastor. Ao mesmo tempo, também sei que quando eu disse "sim" ao homem dos meus sonhos (que casualmente é pastor), assumi que seria parceira na equipe ministerial, estivesse preparada ou não.

Certa ocasião, ao me encontrar esfalfando-me para harmonizar trabalho, família, casamento e atividades da igreja, uma amiga comentou: "Acho que a esposa de pastor é a única pessoa de quem se espera trabalhar lado a lado com o marido. Ninguém espera que a esposa de um cirurgião também opere, nem que a esposa do professor ensine."

Como esposas de pastores nos apaixonamos e casamos com um homem, por causa do seu amor e suas qualidades, não pelo que ele faz. Porém, ao nos casarmos com o pastor, assumimos um trabalho que representa um aprendizado para toda a vida.

Justamente quando você tenta imaginar qual é seu papel como esposa de pastor, logo compreende que o desafio será multiplicado pelo número de igrejas do distrito. Então, você precisa aprender a arte de conhecer cada uma das diferentes personalidades das igrejas e como você caberá nesse quebra-cabeça. Adicione a família e seu trabalho a essa equação, e necessitará aprender como equilibrar mais do que você imagina ser possível. A boa notícia é que nenhum esforço humano tornará seu ministério com seu esposo uma bênção, a não ser completa entrega de sua vontade aos propósitos de Deus para sua vida.

Aprendizado básico

Durante os últimos vinte anos, aprendi a não planejar de maneira fixa, mas a viver o momento. Os pla-

nos podem mudar num piscar de olhos; você necessita aprender a ser flexível, para que não seja desapontada. No trabalho da igreja, você sempre enfrentará uma emergência após outra.

Aprenda igualmente que de seus filhos é esperado que se comportem um pouco melhor que as demais crianças. Portanto, você deve colocar o bem-estar espiritual deles acima do que os outros esperam de você como esposa de pastor. Antes que eles cresçam sentindo falta de relacionamento, dê-lhes o tempo de que necessitam e merecem, para que desenvolvam ao máximo seu potencial espiritual. Se você não tiver tempo para fazer o culto familiar com seus filhos, porque está muito ocupada com deveres pastorais, então você está negligenciando sua mais importante responsabilidade diante de Deus.

Aprenda a sorrir mesmo que seu coração esteja chorando. Você pode pensar que isso é hipocrisia, mas no pastorado frequentemente necessitamos nos preocupar com aqueles aos quais servimos como embaixadores de Cristo. Deus conhece a dor do seu coração, mas tente não permitir que ela interfira em seu dever de levar alegria e encorajamento a outros. E lembre-se: algumas vezes, o melhor que podemos oferecer é ouvir e chorar com alguém que se sente desanimado e necessita do nosso conforto e solidariedade.

Aprenda a aceitar a crítica como meio de crescimento no lugar e na função que Deus lhe designou. Em geral, nossa primeira reação à crítica é defensiva. Porém, tente ouvir e descobrir a existência de algum valor na crítica, mesmo quando ela chega através de um modo destrutivo. Pergunte-se: O que Deus tem a me ensinar nesta situação?

Aprenda como encontrar e respeitar aquela linha invisível e tênue que não pode ser atravessada por você como esposa de pastor. Não vá acima nem além no ministério

do seu esposo. Trabalhem como um time, mantendo aberta a comunicação.

Aprenda a partilhar seu esposo com outros. Quem você partilha é o esposo *pastor*, não o *marido*. Faça todo o esforço para ajudá-lo a partilhar o amor de Jesus, e seja seu apoio quando ele necessitar de uma palavra confortadora.

Trabalho ou ministério

Se você considera o ministério da esposa do pastor um trabalho, será grandemente desapontada. Num trabalho, você espera receber algum tipo de recompensa ou reconhecimento pelo trabalho bem feito. Com mais frequência do que desejamos, esse não é o caso do ministério pastoral.

Qual é a diferença entre trabalho e ministério pastoral? Bem, se você o realiza porque isso é o que se espera de você, ou porque ninguém o deseja, então, isso é um trabalho. Se você o realiza porque deseja ser usada por Deus, é um ministério. Se você o abandona porque ninguém aprecia nem agradece pelo que você faz, isso é trabalho. Se você está comprometida a realizá-lo, esperando apenas sentir o sorriso de Deus, é ministério. Se seu alvo principal é ter sucesso ou ser promovida, é trabalho. Se o alvo principal é servir a Deus, é ministério.

O Senhor nos quer ver felizes no ministério. Você pode até não se sentir qualificada para cumprir o papel que lhe é confiado, mas lembre-se: Deus não chama os qualificados; Ele qualifica aqueles que chama. O poder de Deus se revela mais brilhante quando Ele trabalha com impossibilidades, e usa aqueles que se entregam completamente a Seu serviço.

O que fazer

Muitas vezes você será solicitada a fazer algo para o qual talvez não se sinta dotada. Pense antes de responder. Se você sentir que o Senhor não colocou tal encargo em seu coração, você prestará um desserviço a Deus e à igreja. Não aceite o encargo somente porque estão pedindo que o faça.

Os melhores ministérios nos quais você deve se envolver são aqueles que o Espírito Santo colocou em seu coração. Como saber? Por exemplo: se você notar que o departamento infantil está meio abandonado e ninguém faz alguma coisa para mudar a situação, pode ser que o Espírito Santo a esteja impressionando a cuidar disso. Se as dependências da igreja lhe parecem feias e descuidadas, tire uma tarde, convide algumas crianças para lhe ajudar a limpar o canteiro de flores, plantar algumas flores novas, e ensine-as a cuidar da casa de Deus com o mesmo carinho com que cuidamos da nossa.

Quando nossos filhos eram crianças, eu ajudei no departamento infantil da igreja. Não raro, a sala em que as crianças se reuniam estava cheia de materiais feios, desatualizados e descoloridos. Eu queria ter um lugar

apropriado para o encontro das crianças com Jesus, de modo que pedi a algumas pessoas com habilidades artísticas que pintassem um mural. Sei que elas podiam, mas não quiseram ajudar. Assim, eu mesma pintei o mural para a classe do Rol do Berço. Foi a primeira vez que fiz isso; mas, a expressão de alegria no rostinho das crianças, no sábado seguinte, recompensou todo esforço e as horas de trabalho.

Não é muito fácil ficar entusiasmada com trabalho; mas com ministério, sim. Deixe que seus filhos percebam alegria em você, enquanto cumpre o ministério para o qual se sente chamada. Ensine-lhes a encontrar seu lugar no ministério de Deus.

Anime seus filhos menores a colorir figuras, e os maiores a encontrar versos bíblicos que possam enviar a outras pessoas. Certa ocasião, enviei alimento a uma família que tinha uma criança seriamente enferma num hospital. Meus filhos de onze e treze anos decidiram mandar junto com o alimento guardanapos nos quais escreveram versos bíblicos a respeito de cura. Esse foi um pequeno gesto que significou um mundo para a família e que deu aos meus filhos oportunidade para partilhar seu ministério.

Escolha onde ajudar

Um dos maiores desafios de trabalhar num distrito é como dividir o tempo. Aprendi que, primeiramente, devia observar quais são as necessidades de cada igreja. Servimos melhor aos nossos irmãos quando lhes oferecemos ajuda para o que necessitam e pedem. Nós os capacitamos a servir melhor quando assumem um ministério que é deles e que podem continuar depois que formos a outro lugar.

Mesmo que você se considere supermulher, não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Então, escolha onde empregará seu tempo. Não se "alargue" de modo a se sentir sobrecarregada e desanimar. O inimigo se deleita em fazer-nos sentir fracos. Nem sempre podemos cumprir todas as responsabilidades. Algumas vezes, assumimos as coisas com a melhor intenção, embora não tenhamos pensado sobre as conseqüências e como afetarão nossa vida espiritual, nosso casamento e nossos filhos.

Você pode se surpreender pelos desafios que aceitou no dia em que disse "sim" a seu esposo pastor. É possível que tenha assumido papéis que não gostaria ou para os quais não se sente qualificada. Você sempre estará alguém de todas as expectativas que outros alimentam a seu respeito. Porém, é a Deus que você serve.

Aprendi que nunca serei a esposa perfeita de pastor, mas sei que recebi esse chamado quase vinte anos atrás. Quando eu disse "sim" a meu marido pastor, disse "sim" a meu Jesus, meu Senhor e Salvador. Assim, aceitei Seu chamado para a única atividade que, tenho certeza, faz diferença na vida de outras pessoas, agora e pela eternidade. ■



Candidato a PhD no
Seminário Adventista
Teológico de Silang, Filipinas

Implicações de uma sentença

O que Paulo
queria dizer
ao mencionar
que um
membro faltoso
deveria ser
"entregue a
Satanás"

Ao orientar os cristãos de Corinto quanto à solução de um grave problema, Paulo escreveu: "Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus,... entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor" (1Co 5:3-5). Essa passagem está repleta de dificuldades teológicas e exegéticas.¹ O que significa "destruição da carne"? O que dizer de salvação do "espírito" no Dia do Senhor? Quais são as implicações desse texto para a disciplina da igreja?

Muito do debate sobre a passagem está centralizado no significado de *carne e espírito*.² A discussão também trata com a natureza da sentença de Paulo. Diz respeito à disciplina meramente temporária,³ ou a algo mais permanente (exclusão e morte consequente)?⁴ Alguns eruditos compreendem a frase "entregue a Satanás para destruição da carne" no sentido físico: o incestuoso deveria sofrer alguma doença⁵ ou penalidade física que o levasse a morrer nas mãos de Satanás.⁶ Outros têm defendido uma interpretação envolvendo maldição/morte, com base em analogias dos escritos judaicos e papiros gregos sobre magia.⁷

Algumas variações dessas visões têm sustentado que Paulo pode ter recomendado a entrega do malfeitor às autoridades romanas,⁸ uma execução secreta,⁹ morte expiatória,¹⁰ ou entrega ao purgatório.¹¹ Em todo caso, essas interpretações consideram *carne* no sentido físico, ou seja, o corpo. Entretanto, há os que compreendem metaforicamente as palavras *carne* e *espírito*, abrangendo a totalidade do ser, não indicando dicotomia da pessoa.¹² Alguns creem que Paulo se refere à expulsão do transgressor, e que isso levaria à “destruição” de sua natureza pecaminosa,¹³ e não do corpo físico.

Há também os que buscam identificar o incestuoso homem de 1Co 5:5 com o ofensor de 2Co 2:6-11, a quem Paulo diz que a igreja devia aceitar de volta.¹⁴ Ainda outros consideram essa expulsão como sendo a mortificação da carne e o sofrimento físico.¹⁵ Embora não haja consenso sobre os detalhes do texto, muitos eruditos concordam em que o propósito da sentença de Paulo é a salvação do “espírito” do homem.

Entretanto, alguns eruditos têm questionado se *carne* e *espírito*, nesse texto, não se referem a outra pessoa em lugar do incestuoso.¹⁶ Para Tertuliano e H. von Campenhausen,¹⁷ *carne*, aqui, se refere ao incestuoso; porém, enquanto o primeiro compreende *espírito* como espírito da igreja, o segundo o liga ao espírito de Deus. Dontfried liga *carne* à igreja e *espírito* a Deus.¹⁸ Barth Campbell, por sua vez, argumenta que as duas coisas se referem à igreja.¹⁹ De acordo com essas visões, Paulo focaliza a vida espiritual da igreja, não o homem incestuoso.

Finalmente, V. G. Shillington compreende 1 Coríntios 5:5 no contexto da expiação de Levítico 16.²⁰ Assim, o transgressor, como o bode expiatório, devia levar os pecados da comunidade, de modo que o “espírito da comunidade” fosse salvo no dia do Senhor. Tão diferentes interpretações desse texto requerem análise mais cuidadosa.

O contexto

Corinto era conhecida, entre outras coisas, por sua corrupção sexual, de modo que a imoralidade fazia parte do estilo de vida pré-cristão dos coríntios (1Co 6:9, 10) e esse estilo de vida parece ter encontrado seu caminho na igreja (1Co 5:9; 6:12-20; 7:2; 10:8; cf. 2Co 12:21). O problema aqui tratado por Paulo não é apenas mais um caso de imoralidade sexual, mas um extraordinário caso de imoralidade, algo incomum mesmo entre os gentios. O apóstolo foi direto ao ponto: “Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai” (v 1).

Em 1 Coríntios 3:16, 17, ele diz que a igreja de Corinto é o templo de Deus e quem o destruir será destruído por Deus. Isso serve como base para compreendermos 5:1-13.²¹ Tendo sido informado sobre o relacionamento incestuoso, Paulo aconselhou que a igreja afastasse o transgressor (v 2). Esse conselho é repetido outras vezes no capítulo (v 4, 5, 7, 13), indicando a gravidade do assunto. Os versos 3-5 estabelecem como e por que a igreja devia realizar o julgamento, e os versos 6-8 fornecem a base teológica para tal ação. Nos versos 9-13, Paulo denunciou a atitude relapsa da igreja e parece ter sugerido que os irmãos deviam ter agido com base na carta anterior.²² Esse contexto provê os parâmetros para a compreensão da sentença no verso 5.

O texto

Nesta altura, podemos fazer uma análise léxico-semântica das seguintes palavras ou frases dentro do contexto geral dos escritos paulinos: *paradounai*, “ceder” ou “entregar”; *eis olethron tés sarkos*, “destruição da carne”; e *hina to pneuma sóthé*, “a fim de que o espírito seja salvo”.

“Ceder”. O apóstolo diz que, quando a igreja estivesse reunida em assembleia, em nome do Senhor,

deveria *paradounai*, “ceder” o incestuoso a Satanás. Na Septuaginta, a raiz *paradidómi* (tradução do hebraico *beyádeká* = “em sua mão”) é usada para se referir a Deus como tendo cedido Jó a Satanás (Jó 2:6; cf 1:12) para aflição física. A palavra também é usada no sentido de rejeição ou abandono de Deus do Seu povo como forma de julgamento (Jr 33:24, 25). Nos evangelhos, *paradidómi* é usada em referência à traição de Jesus por Judas (Mc 14:10) e cessão de Cristo a Pilatos (Mc 15:1) que, por sua vez, O cedeu para o povo (Lc 23:18-25). A palavra também denota julgamento de Deus sobre pecadores (At 7:42); Rm 1:24-28). De tudo isso, é claro que *paradidómi* pode ser a entrega literal, física, de alguém para punição, ou figurativa: rejeição, condenação ou abandono de alguém.

No contexto de 1 Coríntios 5:5, a compreensão figurativa de *paradidómi* parece ser a melhor opção. Nesse capítulo, Paulo usa várias metáforas. Por exemplo, “velho fermento”, “Cristo, nosso Cordeiro pascal” (v 7, 8). O verso 5 pode ser assim compreendido. Além disso, em vários contextos, *paradidómi* implica rejeição e abandono (Rm 1:24; Ef 4:19) ou entrega (Jo 19:30; 1Co 13:3; 2Co 4:11; Ef 5:25). Em 1 Timóteo 1:20, a palavra implica abandono.²³ Aqui, Paulo diz que alguns crentes, Himeneu e Alexandre, tinham naufragado na fé e que tinham por ele sido “cedidos” a Satanás, para que aprendessem a não blasfemar.

Assim compreendida, em 1 Coríntios 5:5, *paradidounai* não se refere a maldição, decreto jurídico, execução secreta, nem morte expiatória. Podemos tomar o verso 2 como veredito básico de Paulo. O restante do capítulo (incluindo os ditos figurativos dos versos 5 e 7) serve apenas para reforçar esse veredito. Notemos também que o verso 13 forma um adendo ao verso 2, ou seja: o que os versos 2 e 13 estabelecem literalmente os versos 5 e 7 o fazem figurativamente.²⁴ Em todo caso, o incestuoso devia ser

removido da comunhão. Se o transgressor é excluído da comunidade de fé, automaticamente, se encontra na esfera de operação do inimigo.²⁵

“Destruição da carne.” A frase *eis olethron tés sarkos* significa literalmente “destruição da carne”. A palavra *olethros* geralmente denota destruição física. Na Versão Septuaginta, o substantivo *olethros* ou o verbo *olethreuó* pode denotar destruição (Êx 12:23) ou julgamento (Jr 5:6; 48:3; Ez 6:14). No Novo Testamento, *olethros* tem o sentido mais geral de destruição espiritual ou escatológica (1Ts 5:3; 2Ts 1:9; 1Tm 6:9). Embora *olethros* possa ter significado físico, o sentido figurativo de 1 Coríntios 5:5, 7 (conforme os versos 2 e 13) parece sugerir que, como *paradounai*, o termo *olethron* deve ser considerado no sentido figurativo. Isso deve também advertir contra uma interpretação estritamente literal do texto.

Um olhar cuidadoso no grego da frase “para a destruição da carne” parece indicar justaposição a “entregue a Satanás”. As duas frases têm conotação condenatória e sua justaposição aqui sugere que ambas tenham a mesma referência. Se é assim, isso significa que a frase “o autor de tal infâmia seja ... entregue a Satanás” iguala, ou pelo menos é explicada por “para a destruição da carne”. Desde que a cláusula *hina* (“a fim de que”) tem o incestuoso em vista e sintaticamente se relaciona com a cláusula principal (“seja... entregue a Satanás”), ela expressa o pretendido resultado da ação na principal cláusula. Em outras palavras, aqui, o resultado de *paradounai* é a salvação do espírito do homem incestuoso.²⁶

Tendo tomado *olethros* no sentido metafórico, o significado de *sarx* necessita ser determinado. Em primeiro lugar, devemos notar que Paulo não tem visão dualística ou dicotômica do ser humano. Isso quer dizer que não devemos dividir o ser humano em “carne” e “espírito”. Ou seja, nenhum desses elementos se refere à pessoa como um todo. As-

sim, quando Paulo diz, em 1 Coríntios 5:3, 4, que seu espírito estará presente quando a congregação se reunir para cumprir a sentença, simplesmente quer dizer que ele apoia plenamente a ação.

De acordo com A. Sand, o termo *sarx* é usado em três formas: 1) substância corporal (1Co 6:16; 15:39); 2) existência natural, mundana e terrestre (1Co 1:26; 9:11; 2Co 1:17); e 3) sujeição do ser humano ao poder do pecado (Rm 7:5–8:10; Gl 5:13–6:8). O contexto de 1 Coríntios 5 parece sugerir que *sarx* deve ser compreendida como natureza humana pecaminosa.²⁷ *Sarx* se refere ao homem incestuoso, não à inclinação secular da igreja. Isso se torna claro mesmo numa leitura superficial dos versos 3-5: “Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor.”

Essa compreensão de *sarx* concorda com o sentido figurativo de *olethros*. O incestuoso deve ser removido da igreja (1Co 5:2, 7, 13), ação esta que possivelmente o levará à destruição de sua natureza pecaminosa. Consequentemente, em vez de destruição física ou morte, *olethros* implica o abandono da natureza pecaminosa do transgressor, isto é, o desviar-se do seu atual modo carnal de viver, marcado por imoralidade tão grosseira. Embora *olethros* seja uma palavra forte para destruição, todas as referências paulinas à subjugação da carne indicam que seu uso com referência à carne em 1 Coríntios 5:5 não deve surpreender nem requer interpretação literal.

Por exemplo, o apóstolo diz que aqueles que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne (Gl 5:24). Diz também que os fiéis devem mortificar tudo o que pertence à natureza terrena (Cl 3:5). Em ne-

nhum desses casos, ele se refere à crucifixão ou morte literal da carne, e não devemos compreender a expressão *olethron sarkos*, nesse texto, de outra maneira. O mesmo é verdadeiro quanto a 1 Timóteo 1:19, 20 que, no Novo Testamento, é a única passagem paralela a 1 Coríntios 5:5. Paulo não considera a morte como significando a disciplina eclesiástica, desde que essa disciplina é redentora (2Co 2:5-11).

“A fim de que o espírito seja salvo.” Finalmente, como devemos compreender a frase de Paulo: *hina to pneuma sóthé* (a fim de que o espírito seja salvo)? Como já foi argumentado, *sarx* se refere à pessoa completa, à natureza pecaminosa ou atual estilo de vida pecaminoso do incestuoso coríntio. Considerando que, no contexto dessa passagem, *pneuma* (espírito) é antônimo de *sarx*, isso permite que *pneuma* seja compreendido como a nova natureza do homem em Cristo, resultante da destruição de *sarx*. Os dois termos são figurativos, cada um deles se referindo à unidade indivisível do ser. Também correspondem à antítese da velha e nova natureza, conforme Paulo (2Co 5:17; Ef 4:22). Notemos a declaração de Rosner: “Quando Paulo contrasta carne e espírito, como aqui no verso 5, quase sem exceção, carne se refere ao contraste entre as boas e más tendências, como em Romanos 8:5-17 e Gálatas 5:16-24.” Então, “carne” se refere à pessoa orientada para longe de Deus, e “espírito” à pessoa orientada para Deus.²⁸

Nos escritos paulinos, a salvação pode ser presente (Rm 11:14; 1Co 9:22) ou escatológica (1Co 1:18, 21; 3:15; 2Co 2:15). O significado de *sóthé* (seja salvo), na passagem em apreço, raramente é debatido. Entretanto, a referência à salvação do espírito “no Dia do Senhor” apresenta alguma dificuldade. Acaso, devemos construir a ideia de salvação aqui no sentido escatológico, por causa do complemento “no Dia do Senhor”? Por outro lado, se Paulo previa a volta

do homem, depois da destruição da carne, deveria ele situar a salvação do espírito do homem apenas no fim da História?

"A disciplina eclesiástica é corretiva e purificadora"

Gordon Fee indica que "o dia do Senhor Jesus" é "uma das costumeadas expressões [de Paulo] para salvação" (cf 1Co 3:15; 4:5).²⁹ Assim compreendido, Paulo pode não ter necessariamente vinculado significado temporal a essa frase. Em muitos lugares, ele menciona o dia do Senhor num contexto de iminência (1Co 1:7, 8; 7:26, 27; 15:51, 52; Fp 1:6, 10; 1Ts 4:17; 5:4). Contudo, nada no contexto de 1 Coríntios 5 argumenta contra a compreensão do "Dia do Senhor" no sentido escatológico. No texto paralelo de 1Tm 1:19,20, o apóstolo parece esperar o arrependimento de Himeneu e Alexandre, quando diz que os havia entregado a Satanás para que aprendessem a não blasfemar. Semelhantemente, em 1 Coríntios 5:5, ele parece assumir o arrependimento do homem. Nessa base, ele anuncia a salvação escatológica do incestuoso arrependido. Em todo caso, seu veredito parece redentivo.

Embora a interpretação de 1 Coríntios 5:5 apresentada aqui não seja inteiramente nova, ela fornece uma base para a visão de "expulsão". Embora alguns eruditos defendam essa interpretação, baseados na analogia dos sofrimentos de Jó (Jó 1:12; 2:6) e o espinho na carne de Paulo (2Co 12:7),³⁰ eles parecem antever o envolvimento de Satanás na destruição física da "carne" do homem.

Esse estudo argumentou sobre a compreensão simbólica da injunção de Paulo no texto em consideração. Satanás não desempenha papel nenhum nessa destruição não literal da carne. Se a expressão "para a

destruição da carne" é um aposto à frase "que o autor de tal infâmia seja... entregue a Satanás", então, a dificuldade desaparece. Ao entregar figurativamente o homem a Satanás, isto é, ao removê-lo da comunhão da igreja, em vista do sofrimento e desgraça experimentados, esse homem deve recuperar sua razão, arrepender-se de seu pecado, abandoná-lo e ser aceito de volta na comunhão da igreja.

Implicações

1 Coríntios 5 tem grandes implicações para a disciplina eclesiástica. O texto nos possibilita os seguintes ensinamentos:

Entre outras coisas, a imoralidade sexual de um crente contamina não apenas a pessoa, mas também a igreja, o templo de Deus (v. 6-8). Portanto, a igreja não deve ser condescendente com tal pessoa (v 9-11).

Quando um pecado tão grave se torna conhecido da igreja, a atitude apropriada deve ser tomada imediatamente. Isso inclui a remoção da pessoa envolvida (v 2, 5, 13).

A disciplina eclesiástica é, primariamente, corretiva. A ideia não é expulsar para sempre o transgressor da igreja. Ao contrário, com a remoção, ele deve ser levado a compreender a gravidade do pecado e se arrepender.

A disciplina eclesiástica também purifica a igreja como templo de Deus e a protege contra a contaminação (v 6-8).

A igreja deve disciplinar responsabilmente o crente errante (v 2-5, 13).

A disciplina eclesiástica deve ser executada por toda a congregação sob a liderança do Espírito Santo (v 4, 5). Desse modo, os sentimentos pessoais são resguardados.

Esses pontos sugerem que a disciplina eclesiástica não ficou limitada apenas aos cristãos do primeiro século, mas é para cristãos de todos os tempos. Atualmente, parece que algumas congregações se esqueceram desse dever. No outro extremo,

algumas parecem enfatizar tanto a disciplina que ela perde seu significado. Quaisquer que sejam as razões para essa bifurcação de atitudes, a mensagem de Paulo deve ser atendida. ■

Referências:

- ¹ Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 209.
- ² Barth Campbell, *Journal of the Evangelical Theological Society* 36, 1993, p. 331.
- ³ F. F. Bruce, *1 and 2 Corinthians* (Londres: Oliphants, 1971), p. 55.
- ⁴ R. Bultmann, *Theology of the New Testament* (Nova York: Scribner's, 1951-1955), v. 1, p. 233.
- ⁵ H. Olshausen, *A Commentary on Paul's First and Second Epistles to the Corinthians* (Mineápolis, MN: Klock and Klock, 1984), p. 90.
- ⁶ R. Bultmann, *Ibid.*
- ⁷ A. Deissmann, *Light from the Ancient East* (Nova York: Hodder & Stoughton, 1911), p. 302, 303.
- ⁸ H. Olshausen, *Ibid.*
- ⁹ J. Klausner, *From Jesus to Paul*, (Londres: Allen and Unwin, 1946), p. 553.
- ¹⁰ Barth Campbell, *Op. Cit.*, p. 332.
- ¹¹ E. Stauffer, *New Testament Theology* (Nova York: Macmillan, 1955), p. 212, 312, 313.
- ¹² W. Larry Richards, *1 Corinthians: The Essentials and Nonessentials of Christian Living*, "The Abundant Life Bible Amplifier" (Nampa, ID: Pacific Press, 1997), p. 98.
- ¹³ F. W. Grosheide, *New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1963), p. 123.
- ¹⁴ Collin G. Kruse, *Evangelical Quarterly* 60, 1988, p. 129-139.
- ¹⁵ A. T. Robertson and A. Plummer, *International Critical Commentary* (Nova York: Scribner's, 1916), p. 99.
- ¹⁶ Barth Campbell, *Op. Cit.*, p. 333; Tertuliano, *De Pudicitia* 13, Ante-Nicene Fathers, v. 4, p. 87, 88.
- ¹⁷ H. von Campenhausen, *Ecclesiastical Authority and Spiritual Power in the Church of the First Three Centuries* (Stanford: Stanford University Press, 1969), p. 134, 135.
- ¹⁸ K. P. Donfried, *Interpretation* 30, 1976, p. 150, 151.
- ¹⁹ Barth Campbell, *Op. Cit.*, p. 333-342.
- ²⁰ V. George Shillington, *Journal for the Study of the New Testament* 71, 1998, p. 29-50.
- ²¹ Brian S. Rosner, *Tyndale Bulletin* 42, 1991, p. 137-145.
- ²² Craig L. Bloomberg, *1 Corinthians*, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 104.
- ²³ Gordon Fee, *Op. Cit.*, p. 208.
- ²⁴ Brian S. Rosner, *Evangelical Quarterly* 71, 1999, p. 32.
- ²⁵ Gordon Fee, *Op. Cit.*, p. 209.
- ²⁶ *Ibid.*, p. 210.
- ²⁷ Charles Edwards, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* (Mineápolis, MN: Klock and Klock, 1979), p. 127.
- ²⁸ Brian S. Rosner, *Ibid.*, 32, 33.
- ²⁹ Gordon Fee, *Op. Cit.*, p. 213.
- ³⁰ *Ibid.*, p. 212.



Arautos de esperança

O que torna atraente nossa mensagem é o fato de que o que Deus realizou através de Cristo garante as promessas do futuro

Esperança. O que nos diz essa palavra? É nos momentos de tragédia, tristeza, sofrimento e desapontamentos que ela é mais ouvida. Paulo afirmou que “a esperança não confunde” (Rm 5:5). Essa característica da esperança, ou seja, não confundir nem desapontar, tem inspirado escritores e oradores, sacros e seculares, a se referirem a ela como sendo o combustível da vida, o fator que impulsiona o ser humano. Porém, seria a esperança em si mesma o fator motivador independentemente daquilo que esperamos? Ou aquilo que esperamos é o que nos motiva e dá forças para avançar?

Entre as definições que o *Novo Dicionário Aurélio* apresenta para a palavra esperança estão as seguintes: “Ato de esperar o que se deseja” ou “fé em conseguir o que se deseja”. Entretanto, caso uma pessoa deseje algo que para ela é impossível, valeria a pena continuar esperando, somente em razão do sentimento de bem-estar proporcionado pela esperança? A *Wikipedia*,

enciclopédia virtual mundial, amplia um pouco mais o conceito de esperança, afirmando ser ela “uma crença emocional na possibilidade de resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias da vida pessoal. A esperança requer certa perseverança, isto é, acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário”.¹

Além da incerteza

Exemplo dessa definição é o teórico Viktor Frankl. Enquanto esteve preso num campo de concentração nazista, onde a liberdade, dignidade, família e o autorrespeito lhe foram tirados instantaneamente, ele desenvolveu a filosofia chamada logoterapia, segundo a qual “a liberdade humana é tanto interna como externa. Todos os seres humanos”, insiste Frankl, “têm o poder de conduzir a vida, não importa quão repressivo seja seu ambiente. Para que isso funcione, você necessita de duas coisas: uma razão para viver [um lugar ou algo em que colocar suas esperanças] e acreditar que você tem escolhas”.² Foi assim que ele conseguiu sobreviver aos maus-tratos nazistas: mantendo a esperança de rever sua amada esposa, apesar da incerteza disso.

Embora a expectativa quanto ao que é incerto possa trazer certo benefício às pessoas, melhor ainda é a esperança bíblica. Ela não está baseada no “talvez”. No Antigo Testamento, o termo hebraico traduzido como esperança é *yahal*, e tem diversos significados: “Estar na expectativa, fazer hora, esperar, pôr esperança, confiar, contar com, aguentar, resistir, ser paciente”.³ *Yahal* “não é um desejo pelo qual a imaginação se livra das dificuldades, nem é algo incerto. Em vez disso, *yahal*, ‘esperar’, é para os justos o terreno sólido de suas expectativas. Nessa condição, *yahal* é sentimento voltado para Deus”.⁴

No Novo Testamento, os principais termos gregos utilizados para expressar esperança são o substantivo *elpis* e o verbo *elpizo*. Ambos se

relacionam a uma ideia positiva, ou seja, referem-se à boa esperança e significam tanto o “ato de esperar” como o “objeto da boa esperança”.⁵ Existe, ainda, outro grupo de palavras que podem ter significado mais negativo, como por exemplo: “O substantivo *apokaradokia* denota um ‘anseio’, uma ‘expectativa’ quase impaciente. *Prodoskao* e *prodoska* dão a entender uma ‘antecipação medrosa de alguma coisa (catástrofe, guerra)”.⁶

Proclamação diferente

A igreja adventista do sétimo dia tem uma propaganda diferenciada, que inclui a *yahal* do Antigo Testamento e a *elpis* do Novo Testamento, ou seja, a sólida e boa esperança. Isso explica a ênfase na palavra esperança em nossas mais recentes investidas evangelísticas. Somos conhecidos como “o povo da esperança”.

De acordo com o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, “no âmbito da palavra *elpis*, seu conteúdo se define como sendo a salvação (1Ts 5:8), a justiça (Gl 5:5) e ressurreição num corpo incorruptível (1Co 15:52).⁷ Sendo assim, nossa mensagem de esperança não pode ser egocêntrica, ou seja, centralizada no que o ser humano espera receber de Deus ou da vida; ao contrário, precisa estar centralizada em Cristo. O que torna nossa pregação tão autêntica e atraente é o fato de que o que Deus realizou através de Cristo, no passado, garante a concretização das promessas do futuro. Ele é a “nossa esperança” (1Tm 1:1).

Diante disso, as ofertas publicitárias do mundo, centralizadas no homem e com suas promessas de melhora da qualidade de vida, lei do menor esforço, conforto, beleza, longevidade e liberdade não conseguem satisfazer seus clientes, tão bem como a mensagem bíblica de esperança.

Como “povo da esperança”, não apenas devemos continuar a falar de esperança, mas comunicá-la cada vez mais intensamente. Afinal, a segunda vinda de Cristo, nossa

bendita esperança, atende todas as expectativas de um povo ávido por transformações sociais, políticas, físicas, emocionais e espirituais. O que será do mundo que nos cerca, se negligenciarmos a proclamação vigorosa da bendita esperança? Essa é uma interrogação aplicável à igreja em geral e, muito mais especificamente, aos pastores.

O que será de nós se não formos pastores em missão? Se não estivermos inflamados pelo Espírito para respirar, falar e olhar com esperança? Se apenas nos contentarmos com a mediocridade de um ministério sem propósitos, cuja meta não seja alcançar o mundo desesperançado, mas simplesmente alvos numéricos limitados? Teremos, assim, um pastorado “quase vivo” e, como escreveu Fernando Veríssimo, “quem quase vive já morreu”.

Dwight Moody declara que “o cristão é a Bíblia do mundo”. Sendo assim, o pastor deve ser a versão mais lida. O mundo se desespera diante da experiência de uma “quase vida melhor”. A incerteza do talvez é desestimulante. Afinal, como Paulo escreveu, “se nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1Co 15:19). Fomos chamados para comunicar esperança. Fazer menos do que isso é condenar milhares de filhos de Deus à convicção do desespero. Que se cumpra em nós o desejo do apóstolo: “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo” (Rm 15:13). ■

Referências:

¹ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Esperan%C3%A7a_\(filosofia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esperan%C3%A7a_(filosofia)).

² Barry Black, *Sonho Impossível* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008).

³ Luiz Alonso Schokel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, Editora Paulos, 1997.

⁴ Laird Harris, Cleason L. Archer Jr. e Bruce K. Whatke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Editora Nova Vida.

⁵ Lothar Coenen, Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2000), v. 1.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*



Professor de Teologia na Universidade Peruana União, Lima, Peru

COMPORTAMENTO

Pecado virtual

“Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5:28)

Desde que teve início a presente massificação da internet, cada vez mais pessoas têm feito a mim as seguintes perguntas, durante a realização de seminários conjugais: É a pornografia, em si mesma, adúlterio? É admissível que me divorcie de meu esposo, se ele for viciado em pornografia? Em todos os casos com que tenho me deparado, são as esposas que têm revelado maior preocupação e angústia, diante da conduta dos respectivos esposos bem como por todos os conflitos morais, econômicos, sexuais e de relacionamento que tal vício pode causar.

Sempre que tenho oportunidade de conversar com pessoas viciadas em pornografia, o primeiro argumento apresentado como justificativa é que se trata de uma conduta secreta e que não afeta ninguém. Esse argumento é inaceitável, pelo menos por duas razões: Primeira, caso a pessoa seja casada, certamente, sua conduta afetará o cônjuge, o que a tira do âmbito secreto. Além dessa razão, existe estreita ligação entre condutas sexuais agressivas e delituosas e o consumo de pornografia. Isso faz de todo viciado um possível

candidato a delinquente sexual, mesmo dentro do casamento.

Esses dois argumentos invalidam a justificativa de que a pornografia virtual não afeta ninguém.

Consequências

Isolamento. Indivíduos envolvidos com pornografia virtual costumam, paulatinamente, se isolar do contato humano real e concreto, o que lhes causa problemas de relacionamento no círculo matrimonial.

Dissipação de recursos. Famílias nas quais existe um consumidor de pornografia se veem expostas a uma situação complexa relacionada com o uso de recursos que habitualmente são desperdiçados para manter o vício. Em alguns casos, o problema alcança níveis dramáticos.

Espiral de estímulos. Por outro lado, assim como acontece com outros viciados, o adicto em pornografia se torna alguém que acaba necessitando de “novidades” que o estimulem à medida que se acostuma com as imagens observadas. Então, passa a exigir submissão da esposa a atos degradantes que satisfaçam a sua imaginação doentia.

Ciclo vicioso. Em geral, o consumidor de pornografia virtual sucumbe ao hábito da masturbação e, pouco a pouco, desenvolve disfunções sexuais com seu cônjuge, o que o leva a consumir mais pornografia, entrando assim num círculo vicioso.

Adulterio e pornografia

Finalmente, o consumidor virtual de pornografia, certamente, é um adúltero. Jesus Cristo estabeleceu que a cobiça é adúlterio. Ninguém que esteja enredado por essa armadilha pode afirmar que não se encontra escravizado pela luxúria. Nesse caso, encontra-se em adúlterio e, caso não haja mudança evidente que inclua arrependimento, confissão e reforma, a parte inocente do relacionamento conjugal tem direito ao divórcio. Jesus disse: “Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5:28).

Estamos nós conscientes da gravidade do problema? Busquemos amparo na graça e no poder do Senhor, a fim de que sejamos protegidos contra os ataques do inimigo. ■



Segundo a ordem do Mestre

*O verdadeiro alvo da grande
comissão de Cristo à Sua igreja*

A grande comissão da igreja está registrada no evangelho de Mateus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:19, 20).

Nesse texto, o verbo grego *po-reutes*, traduzido como “ide”, na maioria das versões bíblicas existentes na língua portuguesa, encontra-se no particípio, aoristo, passivo deponente, nominativo.¹ É a mesma forma em que estão os verbos “batizando” e “ensinando”. O único verbo que se encontra no modo imperativo, aoristo, ativo é *matteusate*, traduzido como “fazei”, na sentença “fazei discípulos”.² Em outras palavras, a única ordem da grande comissão de Jesus Cristo, conferida à igreja, é: “fazei discípulos”.

Ao longo dos anos, como igreja, temos pregado a respeito do “ide”, “batizando-os” e “ensinando-os”, destacando especialmente o segundo item. Contudo, ênfase menos intensa tem sido dada à exata ordem de Cristo, ou seja, focalizamos a necessidade de ir e batizar, mas necessitamos ser mais diligentes em cumprir o mandato específico da grande comissão: “fazei discípulos”. De início, é preciso esclarecer que este artigo não tem a intenção de criticar o que até aqui tem sido feito pela igreja. Muito menos pretende ecoar uma voz contrária à realização de batismos aos

milhares. Ao contrário, é um convite à reflexão sobre o rumo que temos seguido, a fim de que, identificando problemas e encontrando soluções, nos tornemos mais efetivos no cumprimento da sagrada missão que o Mestre nos confiou.

Prejuízos

É forçoso admitir que nossa cultura corporativa tem-se formado ao redor ou em função do batismo. Motivações, incentivos, requerimentos e recompensas, tudo parece girar em torno do batismo. Como resultado, temos alcançado muitos batismos e poucos discípulos; membros que não sabem exatamente o que significa ser adventista do sétimo dia e que não conhecem profundamente as doutrinas.

Uma tabela comparativa adaptada do conteúdo de vários autores, mas principalmente de Daniel Rode,³ foi publicada no comentário eletrônico da *Lição da Escola Sabatina*, no primeiro trimestre de 2008.⁴ Nessa tabela encontramos as características típicas do membro da igreja e do discípulo.

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre perda de identidade na igreja adventista. Pessoalmente, acredito que esse é apenas um dos resultados dessa abordagem missionária unilateral. Os inúmeros grupos dissidentes com problemas teológicos relacionados à cristologia e à Trindade, as últimas tendências de alegorização do santuário celestial, a utilização do método estru-

tural de interpretação da Bíblia bem como o alegado enfraquecimento geral do púlpito são coisas que resultam, pelo menos em parte, desse desequilíbrio.

Jesus foi o mais poderoso pregador de que se tem notícia. Porém, mais do que pregar, Ele curou e se envolveu com as pessoas, individualmente, importou-Se com elas. Além de tudo isso, o Mestre concentrou as principais forças e investiu maior quantidade do tempo de Seu ministério em fazer discípulos. Doze homens, que dificilmente seriam considerados capazes de exercer alguma influência no mundo de então, foram postos sob a orientação de Cristo, durante 24 horas diárias, aprendendo dEle, em comunhão com Ele, sendo discipulados.

MEMBRO DE IGREJA	DISCÍPULO
Espera pão e peixe	Vai pescar
Luta para crescer	Luta para reproduzir
Espera acontecer	Faz acontecer
Espera ser servido	Ousa servir
Gosta de afago pastoral	Gosta de afago e treinamento pastoral
Entrega parte de seus rendimentos	Entrega a vida
Pode cair na rotina	Termina uma aventura e empreende outra
Espera receber uma tarefa	Busca tarefas
Murmura e reclama	Obedece, sacrifica-se e nega-se a si mesmo
É condicionado pelas circunstâncias	É condicionado pela própria decisão
Queixa-se de que ninguém o visita	Tem seu programa de visitas
Está disposto a somar	Está disposto a multiplicar
É transtornado pelo mundo	Transtorna o mundo
É forte como soldado na trincheira	É forte como soldado invasor
Cuida das estacas de sua tenda	Amplia a área de sua tenda
Estabelece hábitos	Rompe moldes
Sonha e exige a igreja ideal	Entrega-se em favor da igreja real
Sua meta é ganhar o Céu	Sua meta é levar outros para o Céu
Amadurecido, se torna discípulo	Amadurecido, assume ministérios
Prega o evangelho	Faz discípulos para Jesus
Gosta de campanhas	Vive em campanhas
Espera um reavivamento	É parte do reavivamento
Espera que a vida lhe dê uma almofada	Está preparado para levar uma cruz
Sua palavra preferida é: "Tomara!"	Sua expressão preferida é: "Eis-me aqui!"
É valioso	É indispensável.

Alvo, antes e depois

Não é difícil descobrir qual é o alvo de um estudante da Bíblia: o batismo. Tão logo entra em contato com as verdades das Escrituras, a pessoa logo entende que se trata da Palavra de Deus e chegará o momento em que será chamada a tomar uma decisão. Recebe, então, as promessas que Deus lhe faz, através das Escrituras, e sabe que, a partir do momento em que tomar a decisão de segui-Lo, sua vida adquirirá novo sentido e direção. O estudante toma conhecimento de que o Senhor o conhece desde o ventre materno e sempre teve planos para ele (Sl 139:16). Percebe que Deus o está dirigindo e redirecionando sua vida, seus ideais, projetos e sonhos (Rm 8:28; Fp 1:6).

Diante de uma mensagem tão poderosa e desafiante como a mensagem adventista do sétimo dia, é quase impossível a pessoa resistir o convite de Deus, revelado para o tempo do fim. É quase impossível não querer se unir à igreja. Com esse alvo em mente, intensifica o preparo e, finalmente, é batizada. De 445 pessoas a quem foi perguntado: "Qual é o alvo que você deseja atingir?", 443 responderam: "Quero ser batizado(a)."

Porém, outra pergunta se faz necessária: “Qual é o alvo depois do batismo?” Para onde tal pessoa deve seguir, após essa experiência? Que coisa dará sentido, propósito e direção à vida? A promessa de que a nova vida em Cristo terá sentido e que a pessoa conhecerá o propósito de Deus para sua existência se cumpre na primeira fase, aquela que o leva ao batismo. Porém, qual é a função da igreja quanto a fornecer sentido e propósito para a vida do novo convertido? Organizar programas e eventos bem elaborados? Um plano de sermões bem organizado, para atingir o coração das pessoas e elas sejam levadas para onde queremos? Acaso, o que estamos fazendo hoje, como igreja, está colaborando para que os novos convertidos cheguem à maturidade em Cristo (Ef 4)? À luz do plano de Deus para a vida humana, estamos realmente atingindo o alvo?

Das 445 pessoas a quem foi perguntado qual era o alvo que desejavam atingir antes do batismo, 441 responderam não saber qual era o alvo para depois do batismo. Alguns poucos entrevistados que haviam recebido estudos de instrutores que olhavam para além da experiência batismal deram respostas um pouco mais satisfatórias. Ao ser indagado aos pastores das igrejas às quais esses novos convertidos seriam incorporados, o que eles esperavam deles, com poucas variações, a resposta foi: “Que devolvam o dízimo e frequentem regularmente a igreja”. Porém, será isso suficiente para dar sentido e propósito à vida dos novos crentes depois que passar a empolgação da experiência batismal?

Quando reflito na experiência dos discípulos, primeiramente, os encontro cheios de falhas e defeitos. Depois, vejo como Jesus os preparou, ensinou, treinou e capacitou. Assim mesmo, eles continuavam falhando e se deixando arrastar por preconceitos. Parecia que não conseguiriam abandonar o estilo de vida, pensamentos, ideais e objetivos antigos. Pacientemente, Cristo os amparava e condu-



zia, fortalecia e desafiava. Enviou-os a trabalhar e os recebeu de volta para que prestassem relatório (Mt 10).

Ao concluir Seu ministério terrestre, Jesus voltou para o Céu e deixou a continuidade do trabalho sob a responsabilidade daqueles medrosos, tímidos, acanhados e incapazes discípulos. Com que objetivo Cristo trabalhou com aqueles homens, durante três longos anos? Para torná-los capazes, espiritualmente maduros para invadir o mundo com a mensagem de salvação. Conseguiu? À primeira vista, não. Pedro, por exemplo, mesmo depois do Pentecostes, ainda precisou da visão do lençol cheio de animais para que entendesse a necessidade de ministrar aos gentios. Apesar disso, permaneceu lutando com o assunto, durante anos, até que, no Concílio de Jerusalém, os irmãos reunidos decidiram apoiar o ministério entre os pagãos. E ainda depois disso, aquele apóstolo se comportava de maneira duvidosa diante dos gentios (Gl 2:10-14).

Dessa experiência, fica evidente que a santificação é um processo e que a maturidade espiritual acontece pouco a pouco, quando nos entregamos ao discipulado e constante crescimento em Cristo. Os cristãos devem se tornar espiritualmente amadurecidos, fortes, corajosos e audazes na fé, capazes de amar, ser amados (habilidades relacionais) e aptos para o serviço desinteressado aos semelhantes e a Deus. Esse é o alvo da vida de um discípulo, após o batismo.

“Fazei discípulos”

O ministério adventista brasileiro, por exemplo, foi dimensionado para igrejas pequenas. Historicamente, iniciamos com igrejas pequenas e dis-

persas em vários lugares. Havia poucos irmãos e limitados recursos. No entanto, a densidade de igrejas tem se multiplicado assim como o número de membros por pastor, e é preciso adaptar o ministério às novas realidades. Com o acelerado crescimento do número de membros por igreja e por pastor, nos últimos 20 anos na Divisão Sul-Americana, a igreja recebeu novo rosto. Consequentemente, a complexidade de seu funcionamento foi acentuada, o processo de tomar decisões, em todos os níveis, tem sido dificultado e a luta pela manutenção da relevância no lugar em que está inserida também se intensificou.

Aprendemos alguns métodos que funcionaram no passado e continuamos buscando novos métodos. Como afirmou Ellen White, “à medida que campo após campo é penetrado, novos métodos e novos planos vão surgindo de novas circunstâncias. Novas ideias virão com novos obreiros que se entregam à obra. À medida que buscam auxílio do Senhor, Ele Se comunicará com eles. Eles receberão planos desenvolvidos pelo próprio Deus. Pessoas serão convertidas e o dinheiro virá”.⁵

Temos empregado métodos e organizado eventos como foco do trabalho em si. Métodos e eventos, contudo, são apenas meios para alcançarmos metas ou objetivos intermediários de uma visão maior. Nosso pastorado aprendeu a medir o sucesso pelo êxito dos eventos que organiza; porém, devemos nos perguntar: Acaso, é nossa função principal organizar eventos e aplicar métodos como fim em si mesmos? Qual é a principal função da igreja, para que nela nos concentremos? A resposta vem contundente: “Ide, fazei discípulos...”

Como já foi mencionado, nas versões da Bíblia em português todos os verbos do texto deviam estar no gerúndio. Apenas um verbo está no imperativo. Então, deveríamos ler: “Indo, ensinando, batizando, fazei discípulos!”. Ou seja, ao ir ensinando e batizando, cumprimos a ordem de fazer discípulos. Os que estão mais avançados no conhecimento do Senhor devem ajudar os mais novos na fé a encontrar plena realização, sentido e propósito de vida em Cristo Jesus. Nada que façamos deve nos fazer perder o foco do discipulado. “Deus deu a cada um de Seus mensageiros uma obra individual.”⁶

Buscar descrentes, ensinar-lhes os fundamentos do evangelho, e por meio de assistência pastoral, treinamento e envolvimento prático, o discípulo recém-batizado precisa galgar os patamares do desenvolvimento espiritual. A igreja precisa ser organizada para conduzi-lo nesse desenvolvimento. O ambiente precisa ser propício para que todos (pelo menos a maioria) queiram progredir cada passo. Cada uma dessas fases é tão natural como as fases do desenvolvimento infantil. Cada momento é importante.

Como

Então, precisamos estruturar nossas atividades eclesiais com o objetivo de cumprir a ordem de Cristo. Todos os métodos devem ser

direcionados para que as fases do discipulado ocorram quase naturalmente na igreja, e que todos estejam tão familiarizados com o processo que ele se torne nossa nova cultura corporativa. Estruturar a igreja de tal modo que ela esteja sadia e que o ambiente oferecido seja propício ao desenvolvimento de discípulos, descobrir caminhos que a igreja quer, aprecia e necessita percorrer – eis a principal tarefa do líder espiritual. O pastor precisa elaborar um plano estratégico, a fim de que todos os esforços conduzam a igreja para este objetivo e experimente crescimento sustentável e equilibrado.

Para que tal plano seja bem-sucedido e os crentes sejam realmente conduzidos em crescimento pelas alamedas do discipulado, são necessários os seguintes elementos: Clareza, movimento, alinhamento e foco.⁷

Clareza é a habilidade de comunicação do processo, de modo que ele seja entendido por todos, quer sejam membros antigos, quer sejam recém-batizados.

Movimento é a sequência de passos que levam as pessoas a se moverem para áreas de comprometimento mais profundo.

Alinhamento significa a organização e arranjo dos departamentos, ministério e líderes ao redor do mesmo processo de desenvolvimento no discipulado.

Foco é o compromisso de abandonar tudo o que não coopere com o processo de fazer discípulos e focalizar a senda do crescimento em Cristo. Isso pode desafogar algumas atividades da igreja, que têm se multiplicado e, algumas vezes, causado confusão.

Conhecem todos os membros de sua igreja seu plano de discipulado? Está o ambiente de sua igreja propício à busca de crescimento? O que você pode fazer para tornar sua igreja aberta para o crescimento em Cristo? Seu pastorado é caracterizado pela expansão, ou pela manutenção? Imagine comigo uma igreja de 400 membros. Se 20% desses membros entrarem no processo de discipulado e, na pior das hipóteses, apenas 50% deles se tornarem cristãos amadurecidos, capazes de assumir um ministério, quantos ministros você teria onde hoje apenas você trabalha? Então, mãos à obra! ■

Referências:

¹ Barbara Friberg e Timothy Friberg, *Novo Testamento Grego Analítico* (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987), p. 105.

² Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Chave Linguística do Novo Testamento Grego* (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985), p. 65.

³ Daniel Rode, *Estratégias de Crescimento de Igreja* (Entre Rios, PR: Apostila Salt, 1998), p. 167.

⁴ <http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/licoes/adultos/2008/com412008.html>

⁵ Ellen G. White, *Review & Herald*, 05/06/1902.

⁶ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 275.

⁷ Thom S. Rainer e Eric Geiger, *Simple Church* (Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2006), p. 68.

O caminho do discipulado

Nº	FASE	INTRODUÇÃO	RESULTADO	QUANDO
1.	Mundo	Estudo bíblico	Entusiasmo por Cristo e batismo	A pessoa é alcançada por um crente e inicia a jornada com Cristo, por meio do estudo da Bíblia, após o que é conduzida ao batismo.
2.	Batismo	Assistência pastoral, amizade e ensino	Crescimento em Cristo e amor pela igreja	Batizado, o novo convertido enfrenta as lutas relativas à sua decisão, precisa de apoio pastoral/material. Precisa aprofundar seu conhecimento de Deus.
3.	Membro integrado	Treinamento e capacitação	Sentido e propósito de vida em Cristo	Integrado na igreja, o discípulo precisa entender para que Deus o chamou, qual é o propósito de sua vida. Essa é uma ocasião de teste de dons e capacitação.
4.	Membro capacitado	Envolvimento prático, serviço	Serviço como estilo de vida em Cristo	Capacitado e treinado nas atividades, segundo seu dom, o discípulo aprende a servir onde for necessário, apesar de se concentrar em seu dom, ou nos dons recebidos.
5.	Ministro	Liderança em um ministério	Maturidade em Cristo	Conhece o propósito de Deus para sua vida. Como ministro, não é infalível. Serve com alegria, suportando as pressões e desafios ligados ao seu ministério, sem desanimar nem perder a fé.



Diretor acadêmico do
Seminário Adventista
Teológico de Porto Rico

Assassinato ou morte merecida?



*Lições da triste história
de dois sacerdotes
e seu descaso pelas
coisas sagradas*

Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor” (Lv 10:1, 2).

Esse texto descreve a experiência de dois jovens sacerdotes de Israel abatidos mortalmente por Deus diante da multidão. Nadabe e Abiú foram mortos pelo fogo, logo de-

pois de serem ungidos sacerdotes. Por quê? Estudiosos têm especulado durante séculos a respeito das razões para essas mortes. Esta é a essência da teodicéia – as questões recorrentes sobre justiça e morte. Teodicéia é um termo cunhado, no século 18, por Gottfried Leibniz, ao discorrer sobre um Deus poderoso que permitiu a existência do mal.

A história de Nadabe e Abiú era conhecida pelos judeus que ouviram o profeta Malaquias no século 5 a.C.¹ Eles se identificaram com o relato

por que também tinham voltado recentemente de uma terra estranha, num “êxodo” menos glorioso. Havia inaugurado um santuário, mas sem qualquer dos fogos de artifício com que inauguraram o primeiro, e tinham ministros irreverentes que não foram mortalmente feridos como Nadabe e Abiú.

Assim, no início do século 5 a.C., os leitores dessa história tinham perguntas sobre a justiça de Jeová (Ml 2:17). Em resposta, Malaquias apresenta um “diálogo” entre Jeová

e os judeus. Imagino que o profeta tinha o livro de Levítico em mente quando proclamou seus oráculos. Malaquias trata da santidade no contexto de teodicéia e tenta conquistar seus ouvintes a fim de que estivessem preparados para o *Yom Kippur* escatológico, o Dia da Expiação.

“Líderes que não diferenciam entre o sagrado e o comum sofrerão consequências fatais”

Nadabe e Abiú são os principais caracteres das quatro passagens narrativas de Levítico. Esses homens deviam estar familiarizados com a santidade. Eles foram ao Sinai com os 70 anciãos (Êx 24:1), tiveram o privilégio de ver as maravilhas do Êxodo (Êx 13; 14) e até estiveram na presença de Jeová (Êx 24:9-11). Em contraste, os judeus que tinham retornado à terra não haviam testemunhado tais maravilhas. Alguns, na audiência de Malaquias, tinham experimentado o “segundo êxodo”, mas esse não foi nada diante do primeiro, e, então, eles estavam cultuando em um templo menos glorioso, que não teve nenhuma demonstração sobrenatural na época da inauguração. Talvez, por isso, eles não viam motivos para ser cuidadosos no culto a Jeová, e Malaquias clamou contra eles por causa de suas ordinárias práticas religiosas (Ml 1:6-10).

Q porquê das mortes

Aos olhos de muitos contemporâneos de Malaquias, a morte de Nadabe e Abiú foi provavelmente um assassinato. No tempo do profeta, os sacerdotes estavam fazendo coisas piores e, como não foram destruídos, o povo estava sendo irreverente em seu culto a Deus.

Assim, por que o “assassinato” desses dois sacerdotes? Na experiência dos judeus, Jeová não parecia tão preocupado com os detalhes do

culto. Eles até haviam sugerido que “qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que Ele Se agrada” (Ml 2:17; cf Sl 73; Hb 1:2). Essa mesma ideia estava presente nos lábios dos sacerdotes. Entretanto, Malaquias fez ecoar um solene chamado e advertência sobre a importância da santidade.

Nadabe e Abiú morreram devido ao relacionamento impróprio com o sagrado. O autor de Levítico estabelece que eles ofereceram fogo estranho diante do Senhor (Lv 10). O livro de Números também apresenta a mesma razão para a tragédia (Nm 3:4; 26:61). Na verdade, a Bíblia descreve Nadabe e Abiú agindo independentemente de ter recebido qualquer ordem. Por sua própria iniciativa, eles avançaram na realização do culto, sem uma ordem clara de Jeová. Existem mandamentos relacionados ao culto no templo, dados a Moisés (Nm 8:2) e Arão (Nm 9:2), que contrastam com o desafio de Nadabe e Abiú. Os irmãos mais velhos receberam autorização para agir, enquanto os dois irmãos mais novos agiram independentemente.

Que dizer dos incensários que eles utilizaram para conduzir seu “fogo”? Arqueólogos têm encontrado tachos de vários estilos e modelos que são associados a atividades cúlticas.² Em Levítico 10:1, o termo originalmente significa “prato de vela” ou “bandeja”, e pode se referir a um tacho utilitário ou a um mais sofisticado vaso ritual. O Pentateuco menciona itens usados no tabernáculo israelita (Êx 25:38; 37:23; Nm 4:9) que eram destinados principalmente a transportar carvão ou remover cinzas, à parte de atividade ritual.

Alguns desses vasilhames encontrados no antigo Oriente Próximo estão em forma de mãos; outros têm forma de animais, enquanto alguns são pás lisas. Representações iconográficas em selos, quadros e entalhes proveem mais variedades às possibilidades de modelos. Porém, nem toda bandeja decorada tem que ser ligada a atividades rituais; elas podem

ser apenas exemplos da criatividade humana. Além disso, decorações em bandejas necessariamente não eram problema. A extrema proibição de imagens por certos grupos que hoje seguem o judaísmo não devia ser inserida na história bíblica.

O santuário israelita não pode ser classificado como desprovido de toda imagem, pois naquele tabernáculo existiam várias representações da natureza. Apesar disso, uma ofensiva bandeja de fogo que estivesse ligada a outras divindades ou a um culto rival poderia ser razão suficiente para punição, pois tal atitude era considerada blasfêmia. Mesmo um simples incensário que não tivesse sido consagrado para uso ritual considerado santo poderia ser razão para rejeição do fogo ou incenso nele contidos. Por outro lado, em nenhum relato sobre esse evento na Bíblia hebraica existe qualquer ênfase sobre bandejas de fogo; o problema era “fogo desautorizado”, não “incensário desautorizado”.

O problema pode ter sido a origem do fogo. A palavra traduzida como “fogo” não é específica. Uma das formas como o fogo era conduzido de um lugar para outro, na antiguidade, era em forma de brasas. O problema com o fogo usado por Nadabe e Abiú podia ter sido o fato de que eles não levaram as brasas do fogo que Jeová acendia no altar (Lv 16:12). Aqui, a palavra “fogo” é derivada de um termo traduzido como “estranho”, mas tinha o significado mais preciso de “incabível”, ou “impróprio”. O texto aponta a fonte do fogo como sendo o principal problema; eles não usaram fogo santo. Não fizeram diferença entre o sagrado e o profano.

Paralelos textuais

Quaisquer que tenham sido as razões específicas das duas mortes, quando proclamou seus oráculos, Malaquias tinha Levítico em sua mente. Então, ele convidou sua audiência, especialmente o clero, a se lembrar do Pentateuco (Ml 4:4). A história de Nadabe e Abiú, central

no livro de Levítico, ecoa em Malaquias, que focaliza a infidelidade dos sacerdotes de seu tempo.

Malaquias descreve os sacerdotes oferecendo animais cegos, coxos e doentes para sacrifício (Ml 1:8; cf Lv 22:19, 20). Os sacerdotes, que supostamente deviam inspecionar os animais, eram culpados por justamente permitir que animais defeituosos fossem sacrificados. J. Berquist nota que “Malaquias 1:6-2:9 expressa graves preocupações a respeito da condição prevalente dos sacrifícios e ofertas dos sacerdotes, e os chamou à renovação do compromisso com sua tarefa vital”.³ O profeta advertiu sacerdotes e povo de que eles sofreriam destino igual ao de Nadabe e Abiú.

Alguns fios dos oráculos de Malaquias os ligam a Levítico. Estruturada ao redor do “diálogo” entre Jeová e os judeus, a discussão termina com a escritura de um livro de memórias (Ml 3:16), que é um tema recorrente no Pentateuco (Êx 12:14; 13:9; 17:14; 28:12, 29; 30:16; 39:7; Lv 23:24; Nm 5:15, 18; 10:10; 17:5; 31:54). Além disso, existe a expectativa do grande dia (Ml 4:5) que virá e que “funcionará como advertência e conforto, dependendo do que alguém aprendeu da história”.⁴

O tema do fogo, tão intimamente associado às aparições de Jeová (Êx 3:2; Lv 10:6), tem continuidade em Malaquias. O fogo pode revelar a presença ou o julgamento de Jeová. Como em Levítico 9:24, Seu fogo purifica. Por outro lado, Malaquias se referiu à imagem do fogo quando advertiu sobre o julgamento iminente (Ml 4:1). Nesse contexto, os ímpios são reduzidos a cinzas e acabam sob a planta dos pés (Ml 4:3), da mesma forma como Nadabe e Abiú foram consumidos (Lv 10:1).

No livro de Levítico, há instruções detalhadas sobre a disposição das cinzas (Lv 6:11), incluindo a disposição dos restos mortais queimados de Nadabe e Abiú (Lv 10:5, cf 4:12). Essa descrição está intimamente relacionada à disposição

de esterco ao lado do campo mencionado na acusação que Malaquias fez aos sacerdotes (Ml 2:3).

Os oráculos de Malaquias revelam preocupação com o culto apropriado a Deus, no Judá pós-exílio. Existem alusões a diferentes aspectos do culto: altar (Ml 1:7, 10; 2:13), o fogo que era aceso (Ml 1:10) e o incenso (Ml 1:11). Tudo isso ecoa linguisticamente a experiência de Nadabe e Abiú. Além disso, Malaquias enfatizou que Jeová devia ser honrado (Ml 1:6; cf Lv 10:3). Aos olhos do profeta, os sacerdotes O desonraram aceitando sacrifícios que não estavam de acordo com as tradições sobre santidade (Lv 22:17-25).⁵ Aqui, a honra é enfatizada no contexto do culto, e os sacerdotes não cumpriram esse papel (Ml 1:6). Honra e temor são inseparáveis (Lv 10:3).

Com a história de Nadabe e Abiú, o autor de Levítico inspira temor ao Senhor. Malaquias também menciona algumas vezes que Jeová deve ser temido (Ml 1:14; 2:5; 3:5, 16). Entretanto, a base do relacionamento entre Deus e Seu povo é o amor declarado já no início do livro: “Eu vos tenho amado, diz o Senhor” (Ml 1:2), e igualmente reafirmado no fim do livro: “Eles serão para Mim particular tesouro, naquele dia que preparei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve” (Ml 3:17). As questões da teodicéia serão respondidas quando “então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não O serve” (v 18).

Sacerdócio sob fogo

Os judeus deviam reconhecer que eles estavam em um processo de purificação com o sacerdócio sob fogo. Precisavam se tornar santos para servir a um Deus santo. Os sacerdotes, descendentes de Levi, tinham um concerto a cumprir. Malaquias apresenta os mais ternos convites de Deus a Seu povo.

O Senhor ainda espera receber o mais apropriado louvor, que não é

sinônimo de legalismo. Wellhausen se refere à adoração depois do exílio como institucionalizada e muito artificial,⁶ com a presunção de que a religião do segundo tabernáculo era separada da vida diária. Alguns tendem a diferenciar o Deus do Antigo Testamento de Jesus, no Novo Testamento. Entretanto, a história de Ananias e Safira, em Atos 5, e as parábolas de Cristo questionam essa ideia. Deus espera coração sincero da parte do Seu povo, não apenas preocupação com rituais mecânicos e atividades rituais sem vida.

“Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor” (Lv 10:2). Sim, o fogo veio de Deus. Em Malaquias, encontramos a expectativa de que mais fogo virá sobre aqueles que não têm experimentado santidade nem têm sido purgados pela remoção de suas iniquidades.

A mensagem é clara: sacerdotes que falham em diferenciar o comum do sagrado sofrerão terríveis consequências. O castigo de Nadabe e Abiú não foi assassinato, mas morte merecida; e todos os que seguirem suas pegadas serão igualmente condenados. Sua atitude em realizar as coisas independentemente da ordem do Senhor e o fato de que apresentaram outro fogo, não santificado, revelaram arrogância. Lamentavelmente, muitos outros experimentarão a mesma retribuição por seu comportamento. Todavia, ainda existe oportunidade para tomar um rumo diferente. O convite divino está aberto a todos: “Tornai-vos para Mim, e Eu Me tornarei para vós outros” (Ml 3:7). ■

Referências:

- ¹ E. Velazquez, *An Archaeological Reading of Malachi* (Tese de PhD, Universidade Andrews, 2008), cf. J. L. Berquist, *Judaism in Persia's Shadow: A Social and Historical Approach* (Mineápolis: Fortress, 1995), 138.
- ² L. F. DeVries, *Biblical Archaeology Review* 13, 1987, p. 4.
- ³ J. L. Berquist, *Op. Cit.*, p. 95.
- ⁴ P. L. Redditt, “Haggai-Zechariah-Malachi”, *Interpretation* 61, n° 2, abril de 2007, p. 136.
- ⁵ B. Glazier McDonald, *Malachi, the Divine Messenger* (Atlanta: Scholars, 1987), p. 68-80; J. M. O'Brien, *Priest and Levite in Malachi* (Atlanta: Scholars, 1990), p. 104-106.



Vice-reitor da Universidade de Loma Linda, Califórnia, Estados Unidos

Professora de Administração na Universidade La Sierra, Califórnia, Estados Unidos

O fator José

Sete princípios que definem o estilo de liderança pastoral efetiva

Cada época tem seu próprio modo de estudo e prática de liderança. Como líderes cristãos, devemos começar com a Bíblia. Uma forma de focalizar os conceitos bíblicos de liderança é o estudo da vida de seus grandes personagens.

Este artigo esboça um estudo sobre as lições de liderança que podemos captar da vida de José. Juntas, elas formam o que podemos chamar de “fator José”. Esse fator reúne sete habilidades essenciais de liderança que estão bem de acordo com as pesquisas atuais sobre o assunto. É verdade que tem havido avanços na teoria e prática da liderança; mas, como outros ramos de pesquisa, avaliaremos a utilidade desses estudos à luz da Palavra viva de Deus.

Escolha

O primeiro e mais notável elemento da liderança de José mostra que nada em sua origem familiar poderia

prever que ele seria um líder efetivo. Considere os “negativos” de seus antecedentes: José era filho de Jacó, um polígamo que tinha quatro esposas rivalizando entre si. José tinha dez irmãos nascidos de três mães diferentes; ele e seu irmão mais novo compartilhavam a mesma mãe. Seu avô, Labão, enganou Jacó, fazendo-o casar-se com Lia que não era sua primeira escolha.

Outros negativos incluem duas outras mães que eram substitutas. José perdeu a mãe quando era jovem e seu pai o favorecia, porque ele era o filho da velhice, o primeiro filho do primeiro amor de Jacó. Mas isso lhe atraiu somente amargura e o ódio de seus irmãos. Apesar desses antecedentes, José galgou notáveis alturas na liderança. Aos 30 anos, se tornou o primeiro ministro do Egito (Gn 41:39-46).

O que fez a diferença? Ele escolheu um caminho diferente do que teria sido escolhido por outros com

semelhante origem. Pesquisas sobre os antecedentes de líderes corporativos revelam que os sobreviventes de sérias adversidades, em vez de se tornarem permanentemente depressivos, se tornam grandes líderes, quando “usam a experiência como um momento de definição”. As dificuldades os fortalecem.¹

Visão

O segundo conceito no fator José de liderança é visão, o sonho que guia líderes e liderados à desejada condição futura. O sonho de José (Gn 37:5-9) esboçou o plano de Deus para sua vida. José sabia que fora chamado para liderar. Seu sonho proveu o ritmo que orientou sua vida através dos altos e baixos. Isso mostra exatamente como a visão funciona no exercício da liderança. Ela conserva viva a chama da esperança, no coração e mente de líderes e liderados. Sem visão, não há liderança.

Muitos líderes têm atestado a importância da visão como diretriz do desempenho organizacional. Tendo em vista criar um banco nacional, James Stillman, presidente do Citicorp, de 1891 a 1909, e gerente, de 1909 a 1918, empregou pessoas com quem partilhou sua visão e espírito empreendedor. Sam Walton, fundador do Wall-Mart, visionou estabelecer uma organização varejista de baixo custo. Paul Galvin, fundador da Motorola, sonhou em construir uma grande e duradoura companhia; e Wall Disney desejou fazer felizes as pessoas, levar alegria às crianças e modelar a imaginação delas.

O que distinguiu esses líderes foi o fato de que eles foram visionários organizacionais,² ou seja, anteviram e construíram empresas permanentes. A visão deve desafiar, inspirar, arrematar forças numa direção comum. Ela desempenha “papel fundamental em designar o futuro, ao servir como dianteira no processo de elaborar estratégias”.³

Consideremos o lado eclesiástico da nossa organização. Embora as orientações sejam designadas para facilitar solidariedade em função, não raro, tais orientações são marcadas pela conformidade em vez de liderança visionária. Essa condição prevalece em muitos lugares porque as orientações não apenas expressam valores organizacionais; elas criam os limites da organização. A cultura organizacional forma os parâmetros para liderança aceitável e função dos liderados. Esses parâmetros de conformidade explicam por que alguns líderes, no ramo eclesiástico de nossa instituição, frequentemente são encontrados com ceticismo. Outros líderes, mais sanguíneos, captam essa mensagem e logo se tornam gerentes cautelosos, em vez de líderes corajosos e visionários.

Muito de nossa energia organizacional está concentrada em supervisão, em vez de capacitação para visão. Pesquisadores modernos mostram que os líderes devem favorecer a opinião daqueles que desejam e são

hábéis para exercer liderança, a partir da base. Os que estão engajados em fazer o trabalho da instituição são capazes de “ver” inconsistências e outros perigos que poderiam não ser aparentes à liderança executiva. As opiniões comprometidas devem ser encorajadas e protegidas. Como Martin Luther King Jr., todo líder deve ser capaz de dizer: “Eu tenho um sonho”. A visão impulsionará a organização para seu futuro. Embora nenhum aspecto da instituição possa reclamar perfeição, nosso lado eclesiástico deve se envolver em aprendizado intraorganizacional, como acontece em nossas instituições de saúde.

Perseverança

Os inesperados vaivéns da vida de José – da cisterna, à prisão e ao palácio – foram sublinhados com uma constante: perseverança. Embora os primeiros 30 anos de sua vida sejam significativos, José viveu 110 anos. Isso significa que viveu fielmente, em meio à prosperidade, por 80 anos depois de sair da prisão (Gn 50:22). Os líderes são chamados para correr uma longa distância na vida.

Liderança perseverante pode ser observada melhor diante da adversidade. Não é fácil liderar (1Tm 4:16; 2Tm 2:3). Não raro, os líderes enfrentam desânimo, rejeição, ridículo, ressentimento, falsidade entre outros desafios. Entretanto, a história de José demonstra que a rejeição sofrida pelo sonhador não mata seus sonhos. Alguns líderes têm dificuldade para se recuperar da rejeição, mas não José. Pois seu caráter e visão foram beneficiados.

A liderança moderna mostra que os ousados sobreviventes da adversidade, como José, perseveraram, apesar dos desafios internos e externos de suas empresas. R. H. Macy faliu sete vezes antes de alcançar êxito em seus negócios. Lee Iacocca poderia ter-se desesperado, mas aceitou o desafio de administrar a Corporação Chrysler, em bancarota. Porém, sua liderança levou a empresa ao suces-

so. Perseverança requer resistência diante dos desafios, para que o líder se torne cada vez mais forte.

Autogerenciamento

Pondere sobre o autogerenciamento como terceiro ingrediente do fator José. Uma descrição de José o apresenta como “formoso de porte e de aparência” (Gn 39:6). Temos ouvido de líderes que têm explorado seu dom de sedução física ou política em prejuízo de si mesmos, seus familiares e da organização. Caso você tenha sido abençoado com atração física, lembre-se de que deve utilizá-la para honra de Deus e progresso do Seu reino. Como parte de sua influência capital, a atração deve ser utilizada em benefício de outros; e o autogerenciamento é a capacidade de subordinar nossos impulsos aos requerimentos de nossa vocação.

A esposa de Potifar assaltou José até o limite do autogerenciamento. Quando ela tentou seduzi-lo, ele podia ter explorado sua atração. Porém, seu caráter brilhou novamente. Ele respondeu: “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39:9). José decidiu não ceder ao comportamento imoral, embora fosse muito fácil racionalizar. Um líder moral tem que se comportar de maneira ética e moral, fazendo sempre o que é certo, mesmo que ninguém o observe. José demonstrou maturidade espiritual, junto com caráter moral, para alcançar maior nível de liderança.

Autogerenciamento descreve a habilidade do líder para controlar seus pensamentos, emoções e comportamento. Líderes efetivos decidem se gerenciar, enquanto gerenciam outras responsabilidades relacionadas ao trabalho. Peter F. Drucker afirmou que, como os grandes conquistadores da História, um líder deve “aprender a gerenciar-se”.⁴ Para Drucker, gerenciamento do eu inclui autocontrole e desenvolvimento. O líder efetivo conhece seus pontos fortes, fracos, as limitações, e como se desempenham e aprendem. Por exemplo, produzo

resultados como tomador de decisões ou como consultor? Trabalho bem sob estresse, ou necessito de um ambiente altamente estruturado? Para o autogerenciamento eficaz, Drucker identifica a autorreflexão, para compreensão da personalidade, atitudes, caráter e, portanto, preferência de comportamento.

Diligência

Como quarto ingrediente do fator José encontra-se a diligência, definida como consciencioso compromisso do líder com o dever, responsabilidade, ou atribuição. A diligência forma o fundamento da credibilidade da liderança. Promessas feitas são promessas cumpridas. Projetos são executados do início ao fim. A comunicação completa esse laço. Poucas coisas são mais desmoralizadoras para os liderados que os líderes que não cumprem planos nem promessas. Lee Iacocca se perdeu na segunda metade do seu mandato à frente da Chrysler devido à “falta de disciplina para permanecer dentro das áreas em que a Chrysler podia ser melhor”. Na verdade, ele passou a fazer “uma farra de diversificações altamente indisciplinadas”.⁵

Em lugar de lamentar oportunidades que desejavam ter tido, líderes diligentes maximizam as oportunidades que têm. José podia ter dito: “Sou destinado a governar. Não é minha responsabilidade supervisionar operações numa prisão egípcia”. Porém, sempre que podia ser útil, ele não desperdiçava a chance. Maximizou as oportunidades apresentadas, em vez de crer que a grama de outro pasto podia ser mais verde. Mesmo quando foi levado ao Egito, como escravo, ele decidiu que “serviria ao Senhor com inteireza de coração; enfrentaria as provações de sua sorte, com coragem, e com fidelidade cumpriria todo dever”.⁶

Deus abençoou a casa de Potifar porque José lá estava. Se a instituição não é abençoada porque você e eu servimos a ela, necessitamos parar e fazer um inventário. Em

qualquer lugar que José fosse, as bênçãos o seguiam. Na prisão, ele gerenciou as tarefas de mordomo tão diligentemente que seu chefe ampliou suas ações. A prisão foi abençoada. Como resultado, José foi encarregado de todas as responsabilidades associadas com a prisão (Gn 39:22; Pv 6:6-11).

Discernimento

A seguinte pérola do fator José denota a habilidade do líder para identificar e descobrir modelos atrás de eventos ou ações aparentemente casuais. Líderes espirituais discernem o movimento de Deus nas circunstâncias da vida. No cenário do encontro relatado em Gênesis 45:5-8, o testemunho de José forma uma clássica declaração sobre discernimento providencial: “Deus me enviou adiante de vós... Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus”. Até esse ponto na história, o leitor permanece sob a impressão de que José foi vendido. Mas, como um vice-faraó de 40 anos, José utiliza o termo hebraico *shalach*, derivado da raiz primitiva “enviar”. José liga os pontos de sua experiência passada e afirma: “Deus me enviou. Como um apóstolo, missionário, ou embaixador, Ele me enviou adiante de vós”.

Pelo fato de José articular esse dom de discernimento no ponto alto da narrativa, alguém poderia concluir que ele não o havia compreendido anteriormente. Na verdade, ele fez isso nove anos antes. Na ocasião em que foi levado ao faraó para lhe interpretar o sonho das vacas magras e gordas (Gn 41:1-10), José viu o caminho de sua vida. Então, a porção original da visão de Gênesis 39 foi cumprida. Entretanto, o cumprimento do segundo elemento da visão, a reverência prestada por seus irmãos, foi materializado nove anos depois.

Líderes cristãos são chamados não apenas para discernir, mas também para reconhecer a mão de Deus, compreender Sua vontade e

providência, “ouvir” Sua voz e “ver” Suas realizações. Discernimento é dom de Deus!

Compaixão

O sétimo e último componente do fator José de liderança é a compaixão, a habilidade do líder para estender graça aos liderados que falham. Essa graça pode ser transformadora. Pesquisadores descobriram que tal atitude para com o errante liberta ofendido e ofensor. Jesus restaurou Pedro (Jo 21:15-19). Paulo expressou desejo de ter de volta Marcos, a quem anteriormente julgara incapaz para o ministério (2Tm 4:11). Líderes efetivos praticam a arte de perdoar, esquecer e apoiar os que os decepcionaram.

Os irmãos de José erraram em relação a ele, da pior forma imaginável. Ele podia ter aproveitado a oportunidade para a desforra, e até podia justificar isso, mas não estava interessado em vingança. Gênesis 41:51 mostra a cura das lembranças. O primeiro filho de José nasceu enquanto ele estava no Egito e recebeu o nome de Manassés, cujo significado é: “Deus me fez esquecer todo o meu sofrimento”. O segundo indicador de que José resolveu suas experiências traumáticas está no verso 52, onde se lê que deu ao segundo filho o nome de Efraim, ou seja: “Deus me tornou próspero na terra da minha aflição”.

O fator José aponta sete características efetivas da verdadeira liderança. São qualidades desejadas por qualquer empresa hoje. Mais que isso, elas podem ser características que definem nosso estilo como pastores e líderes cristãos. ■

Referências:

- ¹ Ann Kaiser Stearns, *Coming Back: Rebuilding Lives After Crisis and Loss* (Nova York: Ballantine, 1988), p. 294.
- ² James C. Collins e Jerry I. Porras, *Business Leadership: A Jossey-Bass Reader* (Koboken, NJ: John Wiley & Sons, 2003), p. 373-403.
- ³ Burt Nanus, *Ibid.*, p. 359.
- ⁴ Peter F. Crucker, *Harvard Business Review*, março-abril 1999, p. 65-74.
- ⁵ James C. Collins, *Good to Great*, p. 132.
- ⁶ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 214.

ACONSELHAMENTO

Não ignore este clamor

Violência doméstica é um crime frequente. É provável que esteja acontecendo com alguém de sua igreja

Fui vítima de abuso conjugal. A violência de meu marido era esporádica e eu logo aprendi que a submissão era o caminho mais rápido para colocar ponto final no sofrimento físico. Porém, a tortura emocional não parou, mesmo depois do casamento desfeito, penetrando profundamente em minha psique, erodindo minha própria identidade.

Recebi conselhos, ouvi diagnósticos, fui amesquinhada, marginalizada, me tornei motivo de fofocas e até de orações, especialmente na igreja. Amigos e familiares não mais me reconheciam. Eu tinha sido sempre uma pessoa feliz, otimista, mas depois que fui diagnosticada com depressão, passei a aceitar que havia alguma coisa errada comigo. Certamente, meu marido e todos os profissionais não podiam estar errados.

Você pode perguntar: “Se a situação era tão crítica, por que você não

falou com alguém?” Simplesmente, eu estava humilhada, envergonhada e confusa. Pensava que, se eu falasse a alguém sobre o que estava acontecendo em nosso lar, estaria me denunciando como esposa cristã fracassada. Mantive a esperança de que, se eu pudesse “ficar quietinha”, ele acabaria mudando. Quando confidenciei a algumas pessoas, o espanto delas me amedrontou. Queria agir para me proteger, mas eu me apavorava só de pensar na repercussão que isso teria sobre meu marido, sobre mim mesma e minha filha. No mínimo, ele diria que minhas histórias eram meras fantasias. Assim, para diminuir as preocupações de outros, minimizei e até justifiquei os maus-tratos dele.

O que eu não sabia era que homens que abusam da esposa não são o que geralmente pensamos que eles sejam: grosseiros, mal-educados ou

ignorantes. Na verdade, eles podem exteriormente até parecer “espirituais”, devotos, simpáticos e afetuosos – a própria essência do que Jesus chamou de “sepulcros caiados”. Isso pode tornar quase impossível uma vítima de abuso falar e ser ouvida. Todos fora da família o apreciam. Sua própria família o aprecia. Na igreja, as pessoas o respeitam. Então, ele tem uma reputação que ela deve proteger. Constantemente, eu procurava persuadir a mim mesma de que se eu pudesse ser como as outras mulheres com quem ele me comparava, mantendo a casa limpa, sendo mais criativa com o orçamento, guardando minhas opiniões para mim mesma, fazendo comidas saborosas, e assim por diante, tudo podia mudar. Nada é mais enganoso que isso.

Uma mulher que vive um relacionamento emocionalmente abusivo desenvolve um cipoal de mecanismos

para tratar com as contradições entre a realidade que ela experimenta e a “realidade” que o cônjuge pinta a seu respeito. Ela aprende a desconfiar de suas próprias percepções, a bloquear na memória os eventos dolorosos. A vítima pode ficar desorientada, sabendo que algo está errado com a versão do cônjuge para os eventos, mas é incapaz de colocar isso em palavras. É como disse uma amiga: “ele nunca me bateu, mas suas palavras eram uma corrente de silêncio ao redor de minha garganta”.

Controle absoluto

Meu marido exercia controle absoluto sobre minha vida. Ele respondia a perguntas que eram dirigidas a mim. Policiava o tempo que eu gastava ao telefone. Determinava quais membros da minha família e amigos eram aceitáveis. Decidia como eu gastaria meu talão de cheques. Escondia as chaves do meu carro de modo que só pudesse dirigir quando ele achasse conveniente; em resumo, me tornou completamente dependente dele.

Quando eu reunia coragem para falar a um pastor, a resposta era sempre a mesma: uma educada sugestão para procurar um conselheiro matrimonial. Devido ao fato de que meu marido era ativo na igreja, e eu estava em tratamento para depressão, para o observador casual, era “óbvio” que eu devia ser a única culpada pela incapacidade de manter um relacionamento saudável.

Profissionais de saúde, e até pastores, que não são treinados especificamente para reconhecer o abuso emocional, podem crer na versão do abusador, porque parece mais coerente, menos emocional. A vítima pode parecer dispersa, hesitante, contraditória e até irada. Meu marido usava essa ira para se defender e tentar provar que era eu a perpetradora da violência.

Para mim, foi dolorosamente difícil admitir, mesmo agora, que fui vítima de abuso. Essa experiência se tornou um ponto de humilhação

pessoal e, ainda hoje, chego a imaginar que ninguém acreditará em mim, embora eu tenha vindo para o outro lado. Quando uma mulher chega ao ponto de contar sua história ao pastor ou a outro membro da igreja, provavelmente, o abuso já se tenha tornado crônico. Caso eles a descartem ou ignorem, ela poderá não ter coragem nem oportunidade para falar novamente. Fomos feitas ajudadoras, parceiras do marido, e nosso primeiro instinto é nutrir e sustentar o relacionamento conjugal. Por isso, o ato de contar esse tipo de história significa reviver a tortura.

A decisão final

Finalmente, tomei a decisão de me defender do meu marido abusador. Nenhuma outra pessoa pode fazer essa escolha em meu lugar. Deixei-o e voltei para ele muitas vezes por causa do profundo, natural e cultivado instinto de confiar. Mas, eu não poderia ter tomado essa decisão e levá-la até o fim, sem o apoio daqueles que me rodeiam, cujo discernimento lhes permitiu ver atrás da máscara dele e se convenceram de que minhas percepções eram válidas. Eles me mostraram que, independentemente de divorciar ou não, eu tinha o direito de me libertar daquela situação e que tinha forças para estabelecer limites.

Infelizmente, nenhuma dessas pessoas era da minha igreja. Muito menos era meu pastor. Sempre que eu o procurei em busca de auxílio, ele estava demasiadamente ocupado com assuntos da igreja para me dedicar atenção ou retornar ligações telefônicas. Ele assumiu a confortável postura de “não tomar partido”, mas, ao agir assim, pareceu se enquadrar na afirmação de Salomão, segundo a qual “o que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o Senhor” (Pv 17:15). Quando eu compreendi que não havia conforto para mim entre os membros da igreja, e que muitos líderes estavam tomando o partido do abusador, procurei e encontrei forças entre outros amigos.

Gostaria que a família de minha igreja tivesse tido os instrumentos para me apoiar. Gostaria que as boas intenções do meu pastor tivessem sido direcionadas a reconhecer a gravidade de minha situação. Gostaria de ter sido advertida, antes do casamento, sobre quão precavida deveria ser. Mas, o mundo não é perfeito.

Do cativo à libertação

Não estou escrevendo isso para julgar aqueles que não viram a verdade em minha situação. Durante longo tempo, eu mesma não pude enxergá-la. Também não estou em busca de vingança. Estou escrevendo porque sei que há outras mulheres como eu, cujos maridos as mantêm à corda curta, de modo que não podem confiar nos amigos ou familiares. São mulheres que ensinam a lição da Escola Sabatina às crianças, dirigem a música no culto, mas talvez não possam manter uma cândida conversa “olho no olho”. Sentam-se quietamente com seus filhos, nos bancos da igreja, enquanto o marido está na plataforma. São mulheres que nem mesmo podem ser vistas dialogando com outras mães da igreja.

Estou escrevendo porque espero que minha história possa ajudar os pastores a compreender as danosas consequências, quando deixam de retornar uma ligação, ou decretam que é desnecessário levar avante qualquer investigação, porque o marido é persuasivo e aparentemente comprometido com o casamento.

Jesus Cristo disse: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos” (Lc 4:18).

Gradualmente, Ele está cumprindo esse trabalho em minha vida. É uma jornada pessoal do cativo de espírito à liberdade. Constantemente, tenho que examinar meu coração e aprender a perdoar, mesmo que o erro não seja admitido nem o perdão seja solicitado. Mas, o Senhor me tem dado alegria. NEle está a minha força. ▀



Batismo juvenil: a idade ideal

À luz das instruções do Novo Testamento, a cerimônia batismal não deve ser tratada de maneira descuidada

Entre as denominações cristãs que adotam o batismo bíblico por imersão, e consequentemente rejeitam a prática do batismo infantil, existe certa diversidade quanto à idade considerada mínima para a recepção do rito. Alvo de discussões acaloradas desde os tempos da Reforma Protestante, a idade batismal tem sofrido considerável decréscimo nesses quase quinhentos anos de história, passando de vinte anos entre os anabatistas do século 16 (sendo que a idade média era de 36,4)¹ para quatro anos entre alguns grupos batistas modernos.² Vários outros grupos tanto batistas quanto menonitas preferem a idade entre dez e doze anos. O mesmo acontece com a Igreja Adventista, embora haja exceções.

Em alguns países, crianças de até cinco anos de idade já foram conduzidas ao batismo, ao passo que em outros, a ideia de batizar adolescentes, mesmo de famílias adventistas, com menos de quatorze ou quinze anos de idade quase chega a ser considerada heresia. Portanto, é provável que o assunto mereça cuidadosa análise a partir de uma perspectiva mais ampla, que leve em consideração questões tanto de natureza histórica e teológica quanto aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança.

Origem

Ritos de imersão (autoimersão) eram abundantes na religião judaica, da qual o cristianismo emergiu. O significado mais comum associado

a tais ritos era o da purificação cerimonial. Além das muitas situações previstas no Pentateuco (Lv 14:8, 9; 15:2-30; 16:4, 24, 26-28; 17:15, 16; 22:3-7; Nm 19:2-8; Dt 23:11), diversos outros banhos cerimoniais eram praticados por grande número de judeus nos dias de Jesus. Havia rituais diários, como aqueles observados pelos essênios, bem como rituais específicos visando à participação em alguma cerimônia religiosa. Há informações de que os hemerobatistas, uma seita judaica da qual pouco se sabe, chegavam a banhar-se até mesmo antes de cada refeição.³

Os judeus do primeiro século também costumavam exigir a imersão (além da circuncisão, no caso dos homens, e de uma oferta no templo)

dos gentios que se convertiam ao judaísmo, os chamados prosélitos. Em vez de ser um rito de iniciação, porém, a imersão proselitica era de natureza exclusivamente cerimonial, ou seja, consistia apenas numa purificação das impurezas pagãs e idólatras, e o rito era cumprido também por meio da autoimersão: a pessoa entrava sozinha na água, embora na presença de pelo menos dois homens instruídos na Lei (rabinos); caso contrário, a cerimônia não seria considerada válida.⁴

O batismo cristão, porém, não deriva de nenhuma dessas práticas cerimoniais judaicas, nem mesmo do batismo proselitico, mas do batismo moral introduzido por João Batista. Enviado por Deus como precursor de Jesus (Mt 3:1-3, 11, 12; Mc 1:2-4; Lc 3:1-6; Jo 1:6-8, 15, 23, 25-27), João Batista desenvolveu seu ministério no deserto da Judeia, onde anunciava a chegada do reino de Deus (Mt 3:1-2) e o batismo do “arrepentimento” (Mc 1:4; Lc 3:3; At 13:24; 19:4), para a “remissão dos pecados” (Mc 1:4; Lc 3:3), em vista da “ira vindoura” (Mt 3:5-10; Lc 3:7). Portanto, diferentemente das imersões cúlticas judaicas, o batismo de João era uma cerimônia única (não-repetitiva), com profundo significado profético e simbólico, e era recebido de forma passiva, ou seja, João mesmo era quem o ministrava (Mt 3:5-6, 11, 13-17; Jo 1:33; At 19:4). Foi exatamente por isso que João ficou conhecido como “o Batista,” isto é, “aquele que batiza” (Mt 3:1; 11:1-12; 14:2, 8; 16:14; 17:13; Lc 7:20, 33; 9:19; Mc 6:25; 8:28; cf. Jo 1:25).

A relação entre o batismo cristão e o batismo de João é óbvia e não precisa ser argumentada em detalhes. Não apenas Jesus e, supostamente, alguns de Seus discípulos foram batizados por João (Mt 3:13-17; Jo 1:35-42), mas também o início da atividade batismal de Jesus e Seus discípulos se deu em íntima associação com o ministério de João (Jo 3:22-23; 4:1-2). Portanto, desde seu início, o batismo cristão era uma con-

tinuação do batismo introduzido por João, inclusive na forma, visto que também era recebido passivamente pelo interessado.

É verdade que após o Pentecostes o batismo cristão adquiriu dois novos elementos – a realização “em nome de Jesus”⁵ e o “dom do Espírito Santo” (At 2:38; 8:14-17; 10:47-48; 19:5, 6) – mas ele continuou a ser definido como batismo do arrependimento para o perdão dos pecados (At 2:38; 22:16; cf. Ef 5:25-27; Tt 3:5-7). Em outras palavras, ele não perdeu o caráter moral (conversão) nem a orientação escatológica (Jo 3:5; At 2:38-40; Rm 6:4, 5; Tt 3:5-7) que herdara do batismo de João.

Talvez convenha salientar que a igreja apostólica como um todo nunca rompeu com o batismo de João, nem mesmo com as mudanças introduzidas no batismo cristão após o Pentecostes. O episódio ocorrido em Éfeso e registrado em Atos 19:1-7, no qual Paulo rebatizou alguns crentes que haviam sido batizados por João antes de se tornarem discípulos de Jesus (cf. v. 1, 2), parecer ter sido único no período apostólico. Nem Áquila e Priscila rebatizaram Apolo, um cristão proveniente de Alexandria e que se encontrava em situação idêntica à dos discípulos de Éfeso (At 18:24-28), nem a igreja em Jerusalém rebatizou os 120 discípulos anteriores ao Pentecostes (At 1:15) que haviam recebido o batismo cristão primitivo ou, em alguns casos, apenas o batismo de João propriamente dito (Jo 1:35-42). O fato de Paulo haver rebatizado os discípulos de Éfeso talvez se deva, pelo menos em parte, à experiência de conversão do próprio apóstolo, que ocorrera após o Pentecostes, sendo que ele mesmo foi batizado em nome de Jesus (At 22:16; cf. Rm 6:3). A igreja apostólica, e mesmo pós-apostólica, sempre teve elevado respeito por João Batista (Mt 11:11; 17:10-13; Jo 1:6, 7; 5:33-35), cujo ministério representava o próprio início do movimento cristão (At 1:21, 22; 10:36, 37; 13:23-25).⁶

Significado

O significado do batismo cristão é determinado por sua natureza moral. O batismo está associado, em primeiro lugar, à oferta de perdão inerente ao evangelho. Foi assim que o próprio Jesus definiu Seu ministério (Mc 2:17; cf. Mt 9:1-6; Lc 7:36-50), e foi assim que os apóstolos O anunciaram ao mundo (At 13:38; Ef 1:7; Cl 1:13, 14). Em segundo lugar, o batismo está associado a uma resposta de fé da parte do pecador (At 10:43; 13:39; 16:30-33; 18:8). Isso significa que o perdão dos pecados não é automático, mas resulta de aceitação e de confiança irrestritas no dom salvador de Jesus (Jo 1:12; 3:16; Rm 1:16, 17; 10:9). Em terceiro lugar, o batismo está associado ao arrependimento, que é subproduto da fé. Por si só, o ato de crer consiste numa resposta voluntária e consciente à pregação do evangelho (Rm 10:14), mas essa resposta deve também incluir aquilo que chamamos de arrependimento (At 5:31). Caso contrário, ela não pode ser descrita como genuína (At 20:21; Hb 6:1). Em outras palavras, a fé genuína conduz ao arrependimento.

E o que é arrependimento? No Novo Testamento, há duas palavras gregas que costumeiramente são traduzidas por “arrependimento”: *metanoia* e *metamelomai*. Usada apenas seis vezes, *metamelomai* tem um sentido mais restrito, não indo muito além de sentimento de remorso ou tristeza (Mt 21:29, 32; 27:3; 2Co 7:8; Hb 7:21). É claro que o verdadeiro arrependimento envolve a ideia de remorso ou tristeza, mas não se limita a isso. A noção mais completa do verdadeiro arrependimento é expressa pelo substantivo *metanoia*, bem como por *metanoëō*, seu cognato verbal (“arrepender-se”). A ideia de *metanoia/metanoëō*, que juntas aparecem 56 vezes no Novo Testamento, é a de completa mudança da mente, ou seja, mudança radical de atitude ao ponto de influenciar toda a existência do indivíduo (Lc 3:8-14; At 26:19, 20; 2Co 12:21; 2Tm 2:24-26).⁷

Nesse caso, teria sido muito mais apropriado se apenas *metamelomai* tivesse sido traduzida em português por “arrependimento,” palavra de origem latina que significa remorso ou tristeza. Em português, a tradução mais correta de *metanoia/metanoë* seria “conversão/converter-se,” cujo significado, etimologicamente, é mudança de rumo ou direção. Portanto, verdadeiro arrependimento significa abandono de velhas opiniões, atitudes e comportamentos, e a aceitação consciente e integral de um novo padrão de crenças, nova disposição ou postura que se reflete em todos os aspectos da vida, como ilustrado, por exemplo, na parábola do filho pródigo (Lc 15:11-24).

A relação entre o batismo e o arrependimento ajuda a explicar uma das mais significativas metáforas batismais do apóstolo Paulo, a metáfora da morte e ressurreição (Rm 6:1-11). Tomando como base a forma do batismo bíblico (imersão), o apóstolo desenvolve a ideia de que a experiência do batismo simboliza a morte para a velha vida (v. 1-3) e a ressurreição para uma vida completamente nova, não mais em sujeição ao pecado (v. 4-6). E tudo isso deve ocorrer num âmbito absolutamente consciente, conforme demonstrado pelo verbo *logizomai* no v. 11. Esse verbo, que significa “julgar/considerar,” incorpora a noção de uma cuidadosa atividade cognitiva, de modo que, ao aceitar o batismo, o pecador deve estar em plenas condições de tomar decisão, a decisão de servir a Deus, não mais permitindo que o pecado reine em sua vida, mas sujeitando-se voluntária e completamente à vontade de Deus (veja v. 12, 13).

O batismo, portanto, consiste numa confissão pública não apenas de mudança de vida, mas principalmente de mudança de senhorio. Ao ser batizado, o pecador está escolhendo submeter sua vida à vontade de um novo Senhor e declarando sua inteira lealdade a Ele. Esse é também o significado dos dois elementos que foram acrescentados ao batismo cris-

tão após o Pentecostes. A fórmula “em nome de Jesus” tem a finalidade de dedicar o candidato a Jesus Cristo. O dom do Espírito Santo tem o objetivo de fazer com que isso seja uma realidade.

“No batismo, o pecador submete sua vida ao senhorio de Deus”

Ao aceitar o batismo, o pecador declara solenemente que, desse ponto em diante, sua vida tem um novo Senhor. Ele não mais está entregue aos poderes que até então haviam ditado o curso de suas ações. Cristo agora passa a ter o controle absoluto (cf. 1Co 1:12, 13). E o Espírito Santo, à parte de sua capacitação profética (cf. At 1:8; 13:1), é quem vai habilitar o crente a realmente viver em sujeição a Cristo (Rm 8:9, 14-15; Gl 4:6; 5:22-25; cf. 1Co 12:3).⁸

Tem sido sugerido que o próprio uso da palavra “crente,” ou seus equivalentes, no livro de Atos (At 5:14; 11:21; 13:48; 14:1; 15:5, 7; 17:34; 18:8, 27; 19:18; 21:20, 25) indica que, já a partir do Pentecostes, o rito batismal incluía uma espécie de exame do candidato, que deveria responder afirmativamente à pergunta se de fato cria em Jesus como Salvador e Senhor. Há claras evidências de que um exame assim viria a se tornar prática comum na igreja do segundo século em diante. O próprio surgimento da leitura variante de At 8:37 (“Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”) pode estar relacionado com essa prática, que talvez remonte mesmo aos primórdios da atividade apostólica.⁹

Seja como for, o batismo não pode ser tratado de forma descuidada, como se ele fosse apenas um testemunho público da aceitação de Jesus Cristo. Embora o batismo seja um testemunho público da aceitação

de Jesus, uma vaga percepção desse fato não é o bastante, não à luz do pleno significado do rito conforme encontrado nas páginas do Novo Testamento. A relação existente entre o batismo e o evangelho, a fé e o arrependimento pressupõe elevado nível tanto da capacidade cognitiva quanto do exercício da vontade do batizando. A resposta de fé à pregação do evangelho e o verdadeiro arrependimento implicam em escolhas conscientes e tomadas de decisões que vão impactar profundamente toda a vida e cujo alcance será eterno. A entrega e o comprometimento exigidos pelo batismo não podem de modo algum ser minimizados, ainda mais se os ensinamentos doutrinários e éticos de Cristo também forem levados em consideração, como aquilo que deve ser compreendido e praticado por todo aquele que aceitou o senhorio de Cristo. (Continua) ▀

Referências:

- ¹ Leland D. Harder, “Age of Batism”, *Mennonite Encyclopedia Online* (<http://www.gameo.org/encyclopedia/contents/B369ME.html>), acessado em 20/10/2008.
- ² Ken Camp, “Batism Meanings and Methods”, *Thoughts and Actions* (<http://thoughtsactions.wordpress.com/2006/08/17/baptism-meanings-and-methods-spark-debate-among-some-baptists/>), acessado em 19/10/2008.
- ³ Veja especialmente Robert L. Webb, *John the Baptizer and Prophet: A Socio-historical Study* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991), p. 95-162.
- ⁴ b. Yebamoth 47a. Sobre o batismo de prosélitos, veja Louis H. Feldman, *Jew and Gentile in the Ancient World: Attitudes and Interactions from Alexander to Justinian* (Princeton: Princeton University Press, 1993), p. 288-341.
- ⁵ Sobre a relação entre o batismo “em nome de Jesus” do livro de Atos e a fórmula trinitariana de Mateus 28:19, veja em Leon Morris, *The Gospel According to Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 747, 748.
- ⁶ Para um estudo completo de Atos 19:1-7, veja Wilson Paroschi, “Acts 19:1-7 Reconsidered in Light of Paul’s Theology of Baptism”, *Andrews University Seminary Studies* (a ser publicado em breve).
- ⁷ H. Merklein, “*Metanoia/metanoë*”, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 3 v. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990-1993), v. 2, p. 415-419.
- ⁸ Eduard Lohse, *The First Christians: Their Beginnings, Writings, and Beliefs*, trad. Eugene Boring (Philadelphia: Fortress, 1983), p. 68.
- ⁹ Veja Lars Hartman, “Baptism”, *Anchor Bible Dictionary*, (Nova York: Doubleday, 1991), v. 1, p. 591.

Paixão e trabalho



“O que distingue os construtores de impérios é sua paixão. Eles devotam a vida a uma ideia que, com o passar do tempo, se torna ideal. Mais importante, eles inspiram outras pessoas a comprar seu sonho. De algum modo, todos se empenham em mudar o mundo”, escreveu Michael Meyer, em seu livro *The Alexander Complex*. Estava certo G. W. F. Hegel, quando disse em *Philosophy of History*: “Nenhuma coisa grande no mundo foi conseguida sem paixão”.

Pessoas apaixonadas não trabalham por dinheiro. Isso não quer dizer que elas não ganhem algum dinheiro, às vezes, muito dinheiro, mas indivíduos como William Shakespeare, Thomas Edison, Sam Walton, Walt Disney e Bill Gates, embora tenham se tornado ricos, não foram inspirados por dinheiro mas pelo impulso de concretizar um sonho interior que podia fazer diferença no mundo. Indivíduos apaixonados não realizam apenas um trabalho, pois trabalho é algo que se faz por dinheiro. Paixão é algo que se faz por inspiração. Pessoas apaixonadas cumprem sua vocação, mesmo recebendo nada além do suficiente para satisfazer necessidades básicas. Cumprem-na, porque ela é sua vida.

Paixão não é algo que planejamos, mas que é plantado em nosso ser. É um sentimento tão forte a respeito de alguma coisa, que nos leva a perseguir o objeto de desejo. Nomeie-a como quiser – impulso, encargo, compulsão, força – em seu estado sadio, ela se origina em Deus como nascimento de um sonho, o rastro de um novo caminho que Deus nos chama a seguir.

A paixão significativa se origina em Deus e é enraizada em corações receptivos e obedientes. Indivíduos apaixonados têm o coração em seu trabalho, ou seja, o trabalho os move assim como o ser amado aquece o coração. Bob Pierce, fundador da *Visão Mundial*, tinha como lema esta frase: “Que meu coração pulse pelos anseios do coração de Deus”. Ele era um homem apaixonado pelos interesses de Deus. Um homem entusiasmado e incitado a cuidar de pessoas feridas e sofredoras no mundo. Engajado. Apesar da enormidade da tarefa, Bob Pierce pôs o coração e a alma no trabalho de combater a fome no mundo.

A paixão nasce no coração de Deus, envolve o coração e nos compele a ser indivíduos apaixonados que traduzem devoção em ação. Paixão sem ação é apenas um sonho. Ação sem paixão é trabalho enfadonho. Paixão com ação é completo deleite. – Rick Ezell, *Preachingnow newsletter*, 30/09/2008.

Foto: Jupiterimages



CLIPS MÚSICAIS, ENTREVISTAS, PESQUISA,
RELACIONAMENTO, CULTURA, SAÚDE,
ATUALIDADE, INFANTIL, FILMES, TESTEMUNHOS
E MUITO MAIS.

UMA PROGRAMAÇÃO VARIADA,
DURANTE 24H, QUE ATRAI O TELESPECTADOR
PARA A PALAVRA DE DEUS,
MOSTRADA DE FORMA SIMPLES E OBJETIVA

| TENHA, VOCÊ TAMBÉM, A **NOVO TEMPO**
EM SUA CASA ATRAVÉS DA **SKY** |

A **NOVO TEMPO**
ESTÁ EM TODOS
OS PACOTES
DISPONÍVEIS.

SKY
TV É ISSO

LIGUE: 4004 2852
(SE NA SUA CIDADE NÃO COMPLETAR,
LIGUE: OPERADORA + 11 + 4004 2852)

www.novotempo.org.br/tv



NOVO TEMPO
CANAL DA ESPERANÇA



Foto: Jupiterimages

Para refletir

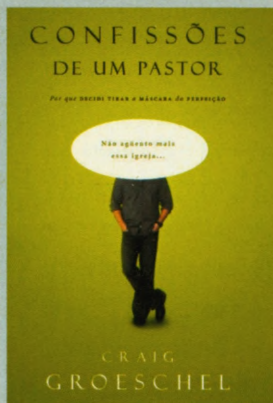
“Satanás sabe que o ministério se acaba quando ele consegue persuadi-lo a focalizar os problemas ao invés das possibilidades. Ele pinta o pior cenário possível para seu ministério e o faz acreditar que de fato acontecerá. Mas não acontecerá. Ele quer que você acredite que não há quem ajude. Ele está mentindo. Ele quer que você assuma que não há esperança para seus filhos. Mentira. Ele quer que você creia que nada pode acontecer em sua igreja. Está mentindo. Ele quer que você creia que não há alegria em seu casamento nem aventura na paternidade, Mentira.” – Neil Wiseman

“Todo mundo sonha; mas não do mesmo jeito. Aqueles que sonham de noite no recesso empoeirado da mente acordam de dia e descobrem que era vaidade. Mas os sonhadores do dia são gente perigosa, porque podem encenar seus sonhos de olhos abertos para torná-los possíveis.” – T. E. Lawrence

HUMOR



Ilustração: Maria Inês / Charge: Josiel Bordinho



CONFISSÕES DE UM PASTOR

Craig Groeschel, Editora Mundo Cristão, 188 páginas.

Numa época em que a fé cristã é desafiada por todos os lados, os cristãos precisam estar preparados para defendê-la. Críticos lançam dúvidas sobre a exatidão da Bíblia, existência de Cristo e muitos outros assuntos. Este livro reúne o melhor da pesquisa de Josh McDowell a respeito da confiabilidade da Bíblia, a humanidade e a divindade de Cristo, o cristianismo comparado com outras religiões, entre outros temas. Trata-se de uma excelente fonte de pesquisa.

MARAVILHOSA BÍBLIA

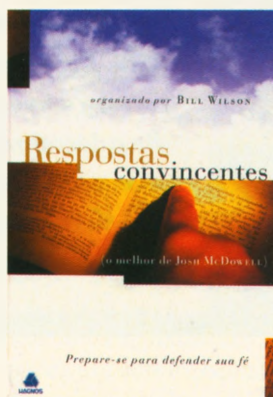
Eugene H. Peterson, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; tel. (11) 2127-4147, www.mundocristao.com.br 191 páginas.

A leitura da Bíblia ganha contornos surpreendentes à medida que aprendemos a lê-la deixando-a falar por si mesma. Se o texto bíblico foi escrito mediante a inspiração de Deus, a leitura de Sua Palavra não pode ser um simples exercício mecânico, profissional e desinteressado. Ler as Escrituras exige meditação e oração, em busca da fertilização e do renovo que somente elas proporcionam.



RESPOSTAS CONVINCENTES (O MELHOR DE JOSH McDOWELL)

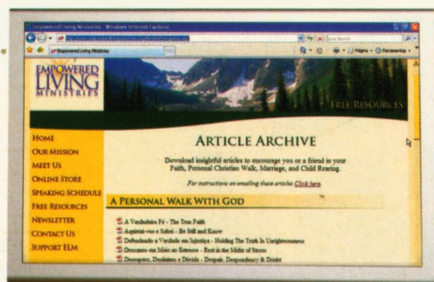
Bill Wilson (organizador), Editora Hagnos, São Paulo, SP; tel/fax (11) 5668-5668; hagnos@hagnos.com.br 555 páginas.



Pregar uma coisa e viver outra. Esse foi o dilema que, durante muitos anos, atormentou Craig Groeschel, no exercício de seu pastorado. Até que um dia, a fachada desabou, o cenário foi desmontado e tudo mudou, como você verá neste livro. Original, polêmico, franco, ousado, revelador, *Confissões de um Pastor* é o relato corajoso de um homem que decidiu abrir o jogo sobre a farsa que viveu durante anos e buscar em Deus a restauração da legitimidade de sua

VEJA NA INTERNET

www.empoweredlivingministries.org



Quem já ouviu Jim Hohnberger ou leu algum dos seus livros (*Fuga Para Deus* ou *Vida Plena de Poder*), sabe que ele tem realizado um importante ministério de pregação e testemunho, contribuindo para o reavivamento de milhares de pessoas. Além do fato de que ele está no Brasil para mais uma temporada de pregação em diversos lugares, outra boa notícia é que seu site oferece dezenas de artigos e reflexões já traduzidos para o português. Mais do que inspiração, esse material tem bom conteúdo para sermões. Alguns temas sobre família e vida no campo – dois outros assuntos sobre os quais o casal Hohnberger pode ensinar de sua própria experiência – complementam o conteúdo do site. – Márcio Dias Guarda



Agora é o tempo

Jamais houve época mais difícil ou desafiadora. Este é o pior e o melhor momento. Nele, enfrentamos as maiores adversidades e temos as melhores oportunidades.

Há pessoas que não prestam atenção ao tempo, crendo que ele é acessível a todo o momento. Alguns se esquecem de seus compromissos, outros chegam sempre tarde, ou nem chegam. Vivem na base do “amanhã será outro dia”. Quando foi perguntado a Alexandre Magno sobre o segredo de suas conquistas, ele respondeu: “Estar sempre a tempo e não me demorar nunca”. De acordo com Cervantes, “quando consideramos o tempo de começar, amiúde é muito tarde para agir”. Albert Einstein afirmou: “Quando penso no futuro, ele sempre vem muito tarde”. E Benjamin Franklin disse: “A pessoa que vive dando boas desculpas não serve para outra coisa, senão para isso”.

“Há mais algum assunto para tratarmos nesta reunião?”, perguntou o Dr. Ryland, ao dirigir uma comissão. Do fundo da sala, Guilherme Carey, jovem de 25 anos de idade, falou: “A ordem do Senhor, de ir e pregar o evangelho a todo o mundo, ainda é válida para nós hoje?” Ryland respondeu: “Sente-se, jovem. Quando Deus quiser converter os pagãos, o fará sem sua ajuda!”

Carey obedeceu, porém, não deixou de pensar na pergunta. Voltou para casa, estudou as Escrituras e leu tudo o que pôde sobre outras nações. Traçou um mapa do mundo e o afixou na parede de sua sapataria. Sobre esse mapa escrevia todos os dados relacionados aos habitantes de cada região. Quanto mais estudava, mais se convenciu de que chegara o momento de levar o evangelho a todo o mundo.

Em 1792, foi convidado a pregar e escolheu o texto de Isaías 54:2: “Alarga o espaço da tua tenda”. “O Senhor nos chama para levarmos as boas novas de Sua graça salvadora às nações pagãs que ainda estão em trevas”,

disse Carey. “Devemos olhar além do círculo estreito, até os rincões mais distantes do mundo onde há milhões de pessoas que ainda não ouviram o nome de Cristo. Não apenas devemos esperar grandes coisas de Deus, mas devemos fazer grandes coisas para Ele!” Guilherme Carey foi enviado para a Índia, lá permaneceu 40 anos e traduziu a Bíblia para 40 dialetos.

Nosso mundo vive sob uma tsunami política, social e econômica, de amplas e variadas consequências, efeitos devastadores, produzida pelas mentes que pretendem evitá-la. Muitos bairros, cidades, famílias e pessoas necessitam ser alcançados pelo poder do evangelho. “Cada membro deve ser um conduto através do qual Deus possa comunicar ao mundo os tesouros de Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Não há nada que o Salvador deseje tanto como agentes que representem ao mundo Seu Espírito e Seu caráter. Nada existe que o mundo necessite mais do que a manifestação do amor do Salvador através da humanidade. Todo o Céu está à espera de homens e mulheres por cujo intermédio possa Deus revelar o poder do cristianismo” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 600).

Victor Hugo, escritor francês do século 19, disse que o futuro tem muitos nomes; para os débeis, inalcançável. Para os temerosos, desconhecido. Para os valentes, oportunidade.

Agora, tempo de maior necessidade do mundo, é nossa oportunidade. Agora é o tempo de integração e comprometimento plenos com a missão da igreja. Agora é o tempo de esperar grandes coisas de Deus e empreender grandes coisas para Ele, porque “Aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6).

Uma mensagem de esperança, uma literatura de esperança, um evangelho de esperança, um futuro com esperança. Para isso, contamos com você, certos de que contamos com Ele. Agora. ▀

“O momento de maior necessidade do mundo é nossa oportunidade”

30 DE MAIO

LARES DE ESPERANÇA

ABRA ESTA PORTA DE SALVAÇÃO EM SUA CASA



- Convide uma família ou amigos para ir à sua casa.
- Ofereça um lanche ou refeição.
- Apresente o vídeo com uma mensagem especial do pastor Mark Finley e um clipe do quarteto Arautos do Rei.
- Testemunhe sobre o que Jesus tem feito em sua vida.
- Presenteie cada convidado com o livro "Sinais de Esperança".
- Ofereça um Estudo Bíblico ou convide para um Pequeno Grupo.
- Participe! Com a sua colaboração, em apenas um dia...
- Serão 600 mil lares adventistas abrindo suas portas e oferecendo esperança em toda a América do Sul.



Para mais informações acesse:

WWW.PORTALADVENTISTA.ORG

WWW.ESPERANCA.COM.BR

FUTURO  **COM**
ESPERANÇA